



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

JAIR HENRIQUE FERREIRA SUEKI

**IDENTIDADE CRISTÃ E MARTÍRIO EM TERTULIANO DE  
CARTAGO**

---

Londrina

2013

JAIR HENRIQUE FERREIRA SUEKI

**IDENTIDADE CRISTÃ E MARTÍRIO EM TERTULIANO DE  
CARTAGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica Selvatici

Londrina  
2013

JAIR HENRIQUE FERREIRA SUEKI

**IDENTIDADE CRISTÃ E MARTÍRIO EM TERTULIANO DE  
CARTAGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Mônica Selvatici.  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Wander Lara Proença  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Angelita Visalli  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Dedico este trabalho aos meus pais Sérgio e Reginalda e a todos os anjos que Deus colocou em minha vida, a vocês a minha eterna gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Ao terminar mais essa etapa da minha vida, gostaria de agradecer àqueles que me ajudaram a chegar aqui e a conquistar mais essa vitória.

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela oportunidade dada a mim de poder estudar nessa renomada instituição de ensino, ter me inspirado a cursar História, ter me ajudado em todos os momentos da vida acadêmica e pessoal. A Ele, toda minha gratidão.

Aos meus pais Sérgio e Reginalda que sempre me apoiaram e me incentivaram a estudar e correr atrás dos meus sonhos sem esquecer-se de olhar para as pessoas como elas são: pessoas que pensam, que sentem, eu tem problemas, que tem historicidades. Se, algum dia, for um bom professor, devo isso a eles, primeiramente. Com eles agradeço a todos os meus familiares que considero-os um grande presente de Deus: minhas avós Thereza e Nadir que são grandes exemplos de vida para mim, meus avôs que não conheci, meus tios e, por fim, meus primos, eternos irmãos.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Monica Selvatici por ter me aceitado como orientando, ajudando e animando nas dúvidas e nas crises. Agradeço por sua amizade e por toda a ajuda que me deu.

Agradeço a todos os professores que participaram da minha formação. São muitos mas gostaria de citar principalmente a Prof<sup>a</sup> Helcy Benevenuto, minha musa inspiradora e uma das responsáveis por ter escolhido esse curso, a todos os professores da educação infantil, ensino fundamental e médio e o ensino superior. Tenho muito orgulho de poder agora ser professor ao lado de vocês.

Agradeço aos professores Wander e Júlio por todos os comentários e sugestões feitas ao meu trabalho bem como à Prof<sup>a</sup> Angelita que aceitou participar da minha banca juntamente com o Prof Wander.

Agradeço aos meus colegas de curso em especial Adriana, Barbara, Bruna, Daniel, Ruane e todos os outros. Vocês fizeram essa graduação ser inesquecível, rimos, sofremos, estudamos e vencemos. Cada dia, cada risada, cada aula perdida, almoço no RU, passeios pela UEL, comentários nas horas totalmente erradas serão parte da minha vida eternamente.

Agradeço com emoção a todos os meus irmãos que não partilham do meu sangue,

mas fazem parte da minha alma, especialmente meus queridos irmãos do Renascer. Vocês me ensinaram a ser humano, olhar as pessoas, entendê-las, escutá-las, amá-las, a prestar atenção nos detalhes da vida e, acima de tudo, mostrar as pessoas como é bom sermos loucos pela vida. Este é o meu desejo enquanto professor.

Agradeço aos meus amados amigos-irmãos, meus irmãos mais novos, meus companheiros de missão e meus amigos de infância e de colégio e tantos outros que gostaria muito de citar aqui mas que o espaço não permite mas que fazem parte da minha vida também. Obrigado por me ouvirem, me entenderem, me suportarem, me ajudarem e permitido que eu fizesse parte da vida de vocês e permitindo que eu aprendesse cada dia mais com vocês.

Agradeço enfim à uma multidão imensa de pessoas que sempre estiveram ao meu lado, me apoiaram e me fizeram ser quem eu sou hoje, algumas não tinham bem essa intenção, mas se sou feliz, devo isso a todos os que passaram na minha vida. A todos vocês, meu muito obrigado.

Nec quicquam tamen proficit exquisitor quaeque  
crudelitas vestra; illecebra est magis sectae. Plures  
efficimur, quotiens metimur a vobis: semen est  
sanguis Christianorum.

(Tertulianus, Apologeticum, L, XIII)

SUEKI, Jair Henrique Ferreira. **Identidade Cristã e Martírio em Tertuliano de Cartago**. 2013. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

## RESUMO

A construção da identidade cristã nos primeiros séculos da história do cristianismo é muito debatida pelos historiadores e pesquisadores da religião. Entendida como a maneira pela qual o indivíduo se define em relação ao outro, a identidade é entendida como sendo plural, flexível com fronteiras muito indefinidas se considerarmos o período estudado. No apogeu do Império Romano, os cristãos inserem-se ora como bodes expiatórios, ora como inimigos estatais. As famosas perseguições romanas aos cristãos apresentam-se como um fenômeno extramamente diverso na história, partindo de uma questão religiosa com os judeus a uma questão política com os pagãos romanos. Momentos de perseguição e também tolerância religiosa acompanham a relação entre cristãos e pagãos, rendendo muitos mártires que testemunham sua fé diante da morte bem como de *lapsi*, os que voltam atrás. Nesse sentido, o martírio se configura como um importante elemento de identidade, pois ao afirmarem-se como contrários ao “mundo”, recusam-se a oferecer o sacrifício ao imperador, opondo-se ao contexto religioso para reafirmar sua fé. Nesse contexto, Tertuliano de Cartago redige sua defesa aos cristãos buscando defender sua fé diante das diversas acusações dirigidas aos cristãos, tentando convencer as autoridades da inocência e da boa conduta adotada pelos cristãos. Entre sua imensa produção, escolheu-se trabalhar duas de suas obras: *Apologeticum* e *Ad Martyras*, onde, ao defender os cristãos perante as autoridades romanas no primeiro documento e consolar os cristãos encarcerados no segundo, acaba por definir quem é o verdadeiro cristão para ele.

**Palavras-chave:** Identidade Cristã. Patrística. Tertuliano.

SUEKI, Jair Henrique Ferreira. **Christian Identity and Martyrdom in Tertullian of Carthage**. 2013. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

### ABSTRACT

The construction of Christian identity in the early centuries of Christian history is much debated by historians and researchers of religion. Understood as the way in which the individual defines himself in relation to others, identity is understood as plural, flexible with very indefinite boundaries taken over the period studied. In the heyday of the Roman Empire, Christians fall into either as scapegoats, sometimes as state enemies. The famous Roman persecutions of Christians present themselves as a phenomenon extramamente diverse in history, from a religious issue with Jews a political issue with the pagan Romans. Times of persecution and religious tolerance also accompany the relationship between Christians and pagans, yielding many martyrs who witness their faith in the face of death as well as *lapsi*, those who turn back. In this sense, the martyrdom configura as an important element of identity, because to assert themselves as opposed to the “world”, refused to offer sacrifice to the emperor, opposing religious context to reaffirm their faith. In this context, Tertullian of Carthage writes his defense of Christians seeking to defend their faith before the various accusations against the Christians, trying to convince the authorities of innocence and good conduct adopted by Christians . Among his vast output , was chosen to work two of his works: *Apologeticum* and *Ad Martyras* where, to defend the Christians against the Roman authorities in the first document and comfort Christians imprisoned in the second ends up defining who is a true Christian for him.

**Key Words:** Christian Identity; Patristic; Tertullian.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1. CONTEXTOS: O MUNDO DE TERTULIANO</b> .....	12
1.1 IDENTIDADES NO CRISTIANISMO.....	12
1.2 IMPÉRIO ROMANO E CRISTIANISMO: CONVIVÊNCIAS E CONFLITOS.....	16
1.2.1 Império e Cristianismo.....	17
1.2.2 O fenômeno do martírio.....	21
1.3 TERTULIANO: VIDA E OBRA.....	23
1.3.1 Obras catequéticas.....	25
1.3.2 Obras doutriniais.....	26
1.3.3 Obras montanistas.....	26
1.3.4 Obras apologéticas.....	27
<b>CAPÍTULO 2. MARTÍRIO E IDENTIDADE: <i>APOLOGETICUM</i> E <i>AD MARTYRAS</i></b> ..	30
2.1 AS FONTES.....	30
2.2 <i>APOLOGETICUM</i> .....	31
2.3 <i>AD MARTYRAS</i> .....	40
<b>CONCLUSÃO</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46

## INTRODUÇÃO

O estudo das identidades vem ocupando espaço nas produções historiográficas brasileiras dos últimos anos. Vários pesquisadores renomados têm se debruçado sobre essa problemática. Vivemos em um mundo cada vez mais plural onde os sujeitos são confrontados com suas múltiplas identidades todo o tempo. A historiografia sempre olha o passado a partir de problemáticas do presente. Por isso, o estudo das identidades e seu processo de formação, interação e ressignificação ganha sentido em nossa sociedade contemporânea.

De igual modo, o cristianismo configura-se como um fenômeno importantíssimo na história do ocidente bem como de algumas regiões do oriente. Há 2000 anos, o cristianismo é responsável por influenciar pensadores, legitimar poderes, construir modelos de sociedade e individualidade, moldar visões de mundo e o cotidiano dos sujeitos históricos bem como de grandes civilizações.

Partindo dessas duas questões, nosso trabalho se propõe a analisar a formação da identidade cristã a partir de Tertuliano, cristão convertido considerado um importante Padre da Igreja cristã, cujo trabalho contribuiu para fixar as questões teológicas e doutrinárias da fé cristã, utilizando duas de suas obras: *Apologeticum* e *Ad Martyras*, ambas datadas do final do século II d.C. Também é nosso objetivo analisar o lugar do martírio nessa construção de identidade religiosa que notamos no cristianismo antigo desde suas origens no século I d.C. Tertuliano é um dos mais notáveis escritores cristãos da Patrística<sup>1</sup>, portanto, elegemos as suas duas obras para nos guiarem nesse trabalho.

Para iniciar nossa discussão, pontuamos alguns temas que consideramos importantes para melhor compreendermos as fontes utilizadas nesse estudo bem como seu contexto de produção, seu objeto e objetivos. Iniciamos então em um capítulo de contextualização do mundo do autor. Apresentamos brevemente a discussão acerca das identidades que tomamos como referencial teórico esclarecendo alguns conceitos fundamentais para se pensar essa identidade cristã bem como o lugar do estudo da formação das identidades no mundo antigo e no cristianismo primitivo.

Continuaremos analisando melhor as relações entre cristianismo e Império Romano nos primeiros quatro séculos da era cristã bem como as transformações que essas

---

<sup>1</sup> A Patrística é normalmente compreendida como a “Filosofia cristã estabelecida pelos *Santos Padres* da Igreja nos primeiros cinco séculos da era cristã, caracterizada pelo combate à descrença e a outras religiões por meio de uma defesa intelectual e racional da nova religião, usando para isso argumentações e conceitos provenientes, sobretudo, do platonismo e do aristotelismo” (Dicionário Aulete).

relações ocorreram ao longo do tempo e do espaço: de um problema étnico-religioso entre judeus e cristãos até uma perseguição estatal de caráter político-religioso nas mais variadas religiões do império. Entendemos que é impossível darmos conta de todas as problemáticas que envolvem essa discussão em um pequeno trabalho como esse, mas procuramos fazer um breve histórico das perseguições aos cristãos. Seguimos analisando o martírio e o seu lugar no imaginário dos cristãos da antiguidade bem como a importância desse fenômeno na igreja primitiva.

Dedicamo-nos, a seguir, em conhecer um pouco mais a figura de Tertuliano. Existe muita discussão acerca da figura de Tertuliano e seus dados biográficos são contestados por vários pesquisadores. Não obstante, procuramos aliar nossos pressupostos às pesquisas de mais renome acerca do assunto. Seguindo a proposta de Pietro Podolak (2006), fizemos um brevíssimo percurso sobre as obras de Tertuliano divididas em quatro grupos dando mais atenção às obras apologéticas fundamentando a discussão acerca desse gênero importantíssimo no cristianismo antigo.

Passando para a análise das obras, preferimos seguir a sequência argumentativa do autor, ressaltando os momentos onde podemos perceber mais expressivamente a forma como Tertuliano define os cristãos, em constante oposição ao paganismo. Por fim, concluímos o trabalho retomando as questões apresentadas e situando o martírio nesse processo de formação da identidade cristã.

# CAPÍTULO 1. CONTEXTOS: O MUNDO DE TERTULIANO

## 1.1 IDENTIDADES NO CRISTIANISMO

Por muito tempo, os pesquisadores das ciências humanas acreditavam que a identidade era algo fixo e pouco mutável. Acreditava-se também que somente isolando-se de outras configurações sociais e culturais, determinada cultura ou determinado povo ou até mesmo os dois ao mesmo tempo, poderiam, de fato, construir uma identidade que lhes fosse própria.

Autores como Frederik Barth (2011) foram pioneiros em apontar novos rumos para o estudo científico dessa característica das culturas. Assim sendo, sua maior contribuição para as ciências humanas foi entender a identidade como algo plural e mutável. A partir disso, podemos perceber uma revolução no campo antropológico e também historiográfico. Autores dessas e de outras áreas das ciências humanas começaram a olhar seus objetos de pesquisa a partir da sua pluralidade e não da sua uniformidade.

Tanto assim que Funari (2010, p.12) identifica a Segunda Guerra Mundial como o momento ápice em que a humanidade se coloca frente ao horror da guerra e do extermínio de minorias e populações causado, entre muitos outros motivos, pela uniformização das identidades proposto pelos modelos chamados “normativos” advindos das constituições dos Estados nacionais.

A proposição de “uma só língua, um só povo, um só território, uma só cultura” (FUNARI, 2010, p. 11) mostrou-se ser incapaz de conter todo o movimento contrário de mulheres, jovens e outros sujeitos históricos considerados fora dos padrões sociais, que buscava assumir o caráter plural da sociedade. Disso decorre a criação de um conceito fundamental para podermos estudar a identidade dentro do cristianismo (bem como outros campos onde a identidade atua): o conceito de *identidades fluidas*. Como nos lembra Izidoro (2010, p. 166), “a auto definição da identidade dos povos e culturas não obedece a critérios estáticos e impermeáveis em seu processo formativo.”

Seguindo essa linha de pensamento, entendemos as identidades como algo plural, tanto que se faz problemático usarmos esse termo no singular. Se considerarmos a identidade como a forma pela qual eu me defino como parte de um povo, de uma etnia, de uma cultura, de uma categoria social, de uma religião, entre outros, não podemos considerar que essa definição seja universal. Obviamente que o discurso irá sempre tender para o lado da homogeneização. Por exemplo: o discurso do cristianismo sempre irá tender em identificar

um modelo único de cristão. O cristão de Paulo será aquele que não segue os preceitos da Lei mosaica. Para Tertuliano, será aquele que defende a verdade. Mesmo separados por séculos de distância bem como contextos culturais diferentes, são exemplos de como podemos problematizar o termo “cristão” dependendo do momento em que o autor fala e de sua experiência. Como veremos mais adiante, estamos em um período em que o cristianismo ainda está dando os seus primeiros passos e existe uma variedade enorme de práticas cristãs nas diversas comunidades espalhadas no mundo conhecido.

Apesar de haver o discurso homogeneizador, temos evidências de que realmente havia grande pluralidade nos entendimentos acerca do “ser cristão”. Nossa intenção é, entre outras, mostrar quem é o cristão de acordo com a visão de Tertuliano, considerando que outros entendimentos podem ser encontrados em outros autores e até mesmo dentro do pensamento do próprio Tertuliano.

Essa mudança na forma de se estudar a formação das identidades, decorrente do período pós-guerra, fez com que o debate acerca das identidades ganhasse projeção nos campos de pesquisa das ciências humanas. Segundo Izidoro,

Os conceitos definidos como fronteiras étnicas, culturas, histórias, identidades, etnicidades, fluidez e interações, fazem compreensíveis os encontros, desencontros, conflitos, assimilações e o intercâmbio entre os sujeitos históricos e socioculturais no processo de formação de identidades, assim como elucidam aqueles elementos que perpassam dinamicamente as genealogias, as geografias, os territórios e os caracteres físico-biológicos e linguísticos, na constituição da alteridade. (2010, p. 162)

Essa afirmação já nos leva a localizar a identidade como uma construção histórica. Assim, não podemos considerar a identidade como algo dado, inerente à esfera biológica do ser humano<sup>2</sup>. Diferentemente, Funari nos faz refletir que mesmo se nos ativermos à esfera biológica da questão, “os pertencimentos são múltiplos também. A diversidade cultural não pode ser desvincilhada, também, da noção de diversidade de vida. A genética das populações humanas descobriu que os grupos humanos não são unidades biológicas.” (2010, p. 14)

Muito além disso, as identidades pertencem a uma esfera cultural que pode ser compartilhada mas que também não é uniforme em um mesmo contexto. A fluidez das identidades se faz presente também dentro de uma mesma sociedade, mais ainda, dentro de uma mesma comunidade cristã onde se fazem presentes pessoas de diversas procedências e experiências culturais.

---

<sup>2</sup> Não devemos esquecer que a identidade, bem como a cultura, pode e geralmente interfere no plano biológico do indivíduo à medida que contribui para a definição do que é doença, vida, morte, nascimento, etc.

Como citamos acima, o isolamento de um determinado povo seria a garantia de uma identidade preservada, como bem expressa Barth (2011, p. 188):

Embora a hipótese ingênua de que cada tribo ou povo manteve sua cultura graças a uma ignorância belicosa de seus vizinhos não seja defendida por mais ninguém, persiste a visão simplista de que o isolamento geográfico e social tenham sido fatores críticos para a sustentação da diversidade cultural.

Izidoro (2010, pp. 168-169) ainda nos lembra:

Não é o isolamento ou a abdicação à interação com outros grupos sociais que irá criar a consciência de pertença e a identificação do sujeito com o seu grupo, mas sim a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecerem fronteiras étnicas. Segundo Kathryn Woodward, as identidades são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao “forasteiro” ou ao “outro”, isto é, relativamente ao que “não é”, sob a forma de oposições binárias.

Assim sendo, seguindo a mesma ideia, podemos inferir que é exatamente no contato com outras culturas que um povo pode definir suas fronteiras de identidade. No caso do cristianismo, não temos uma religião própria de um povo, mas uma religião de caráter universalista que abordaremos mais adiante. Nesse caso, o contato com outras religiões e, no caso de Tertuliano, de sistemas sociais que acabam por intolerar a presença cristã, faz com que o contexto ajude na busca pela definição de uma identidade religiosa própria desvinculada do judaísmo ou do paganismo. Ainda segundo Izidoro (2010, p. 165),

Nesse processo de mobilização e interação dos povos e das identidades, torna-se pertinente os conflitos e tensão no âmbito da reelaboração dos pensamentos e das diversas concepções religiosas, étnicas e socioculturais, provenientes das diversidades dos fenômenos díspares vivenciados no mundo antigo e daquelas nuances identitárias que caracterizam os grupos socioculturais em seu percurso histórico.

Por isso, o esforço empreendido por alguns personagens anteriores ao tempo de Tertuliano como o apóstolo Paulo, por exemplo, para desvincular o cristianismo do judaísmo, ganham uma importância enorme nesse contexto. Uma análise atenta da Bíblia, por exemplo, nos dá pistas para podermos compreender melhor a complexidade dessa definição de uma identidade religiosa própria do cristianismo.

Basta analisar a polêmica judaizante<sup>3</sup> suscitada por Paulo em Antioquia expressa na Carta aos Gálatas. Em meio a uma comunidade onde havia muitos cristãos vindos do politeísmo, cristãos advindos do judaísmo passam a exigir dos cristãos gentios<sup>4</sup> que observem rituais de alimentos determinados pela Lei judaica. Criticando ferozmente essa prática, Paulo irá criar toda uma teologia acerca da necessidade de se “livrar” do que ele chama de “jugo da Lei”, que não mais deve fazer parte da comunidade cristã.<sup>5</sup>

Esse é um dos muitos exemplos de que na gênese do movimento cristão, não existe ainda uma ideia geral sobre o que é exatamente “ser cristão”. Se avançarmos na cronologia, vemos que ainda no século II, onde se situa temporalmente Tertuliano, ainda não se tem uma identidade completamente definida, tanto que no fim de sua vida, ele acaba por converter-se a uma seita chamada montanista que iremos aprofundar mais adiante.

Nesse período ainda, o cânon bíblico ainda não estava definido<sup>6</sup>. Assim, cada uma das comunidades cria o seu “cânon próprio” de acordo com as suas ideias e concepções acerca da religião.<sup>7</sup> Os textos bíblicos são fundamentais para que a comunidade possa desenvolver toda uma interpretação de tudo aquilo que o cristianismo vem a ensinar. Assim, para a teologia, as “verdades” são “reveladas” e os textos sagrados, nesse caso, são os meios primordiais dessa “revelação divina”. Sabe-se que existe um grande número de textos escritos nessa época por cristãos influenciados pelas filosofias orientais correntes no Império como o gnosticismo, epicurismo e estoicismo. Alguns deles eram usados em muitas comunidades, outros eram aceitos somente em algumas.

Se não existe um consenso acerca dos livros que serão parte do cânon, da lista dos livros considerados sagrados pelo cristianismo, não existe consenso nas bases doutrinárias. A tendência sempre será a uniformização da doutrina, adotando determinada interpretação como a “divinamente revelada” e outras que apontam outros caminhos como “heresias”. O exemplo de Tertuliano é muito claro: é considerado um dos maiores autores da patrística latina, mas no

---

<sup>3</sup> São assim chamados os cristãos que, vindos do judaísmo, adotavam práticas rituais judaicas.

<sup>4</sup> Para os judeus, *gentios* eram todos aqueles que não eram judeus, portanto não circuncidados e que não observavam os preceitos da Lei mosaica.

<sup>5</sup> Monica Selvatici discute mais a fundo esse episódio em: SELVATICI, M. Identidades Cristãs Primitivas: a questão da etnicidade na comunidade síria de Antioquia em meados do século I. In: CHEVITARESE, A.; CORNELLI, G.; SELVATICI, M. (Orgs) **Jesus de Nazaré: uma outra história**. São Paulo: Annablume, 2006.

<sup>6</sup> Raymond Brown (pp. 63-65) identifica alguns fatores que contribuíram para que determinados livros pudessem ser considerados parte do cânon bíblico dos escritos cristãos: a origem apostólica, real ou putativa; a importância das comunidades cristãs destinatárias e a conformidade com a regra da fé.

<sup>7</sup> A primeira iniciativa de criação de um cânon de textos considerados corretos e sagrados é adotada por Marcião de Sinope, cristão contemporâneo de Tertuliano posteriormente considerado herético pelas autoridades da Igreja pelo fato de entender o Deus do Antigo Testamento como uma entidade menor e subjugada ao Deus dos cristãos.

fim de sua vida abraça o montanismo que era considerado uma heresia. Nas palavras de Chevitarese, (2006, p. 164),

[...] o cristianismo nos quatro primeiros séculos [...] se apresenta como um movimento multifacetado, que traz dentro de si vários grupos distintos, na medida em que ele é o resultado de um processo lento e variado, que se deu em tempos e lugares diferentes, com etapas e processos divergentes.

Esses exemplos ilustram claramente o quanto o cristianismo ainda em formação não possuía uma clara definição de identidade, de doutrina... Para Gilvan Ventura da Silva (2006, p. 241), o cristianismo do primeiro século estava ainda muito ligado ao judaísmo: ambos usavam a tradução bíblica da Septuaginta, símbolos comuns como o peixe e a taça, entre outros. Será após a destruição do Templo que cristãos e judeus começarão a se ver distintamente, culminando no século II, como atesta a Didaqué. Por isso, ao estudar o cristianismo antigo nos deparamos com diversos discursos que muitas vezes se confrontam e se contradizem.

Está muito claro que nenhum Padre da Igreja ou mesmo Paulo usou a palavra “identidade” em seus discursos, cartas, sermões... No entanto, ao ler esses textos protocristãos podemos identificar neles essa busca para se definir um cristianismo que fosse universal e que, conseqüentemente pudesse distinguir claramente quem é cristão e quem é judeu, ou pagão ou cristão que não segue os ordenamentos de Cristo.

Por isso, segundo Izidoro (2010, p. 163),

De acordo com Judith Lieu, a discussão moderna de identidade como processo de construção é vigente e se aplica também ao mundo greco-romano, onde parentes, história, linguagem, costumes e deuses, supostamente, separam “nós” dos bárbaros; mas também provocam a interação, onde depois, judeus e cristãos estarão engajados nas mesmas estratégias.

Portanto, longe de serem anacrônicos os princípios teóricos dessa pesquisa, o estudo das identidades no mundo antigo, mais especificamente no cristianismo, ganha pertinência ao se perceber essa busca no discurso dos Padres da Igreja, dentre eles Tertuliano, em definir o cristão autêntico em relação aos pagãos ou judeus ou ainda a outras correntes cristãs.

É com base nos conceitos teóricos expostos aqui que iremos estudar quem é o cristão autêntico para Tertuliano de Cartago e como a prática do martírio contribui para isso.

## 1.2 IMPÉRIO ROMANO E CRISTIANISMO: CONVIVÊNCIAS E CONFLITOS

Paulo de Tarso foi o maior pregador do cristianismo na Antiguidade. Os Atos dos Apóstolos narram suas viagens pelo Império Romano, percorrendo cidades e vilas pregando a nova religião e fundando comunidades. Em um mundo helenizado, Paulo, de família originalmente judaica, filho da cultura grega e profundo conhecedor das tradições judaicas, leva o cristianismo aos territórios da Grécia. Assim, o cristianismo se espalha pelo Império Romano.

### 1.2.1 Império e Cristianismo

Construiu-se, ao longo do tempo e sob a influência da Igreja, todo um discurso de perseguição aos cristãos empreendido pelo Império Romano. Chevitarese (2006, p. 162-163) rejeita essa construção maniqueísta que tende a opor cristianismo e Império como se ambos fossem irremediavelmente confrontados a todo instante. Na verdade, como bem demonstra, nos primeiros momentos de cristianismo (século I para ser mais exato) o Império não está preocupado com os cristãos. Existe um problema entre cristãos e judeus que já se manifesta na Palestina, mas que, aos olhos do Império não tem conotação política nenhuma.

A primeira vez que é citado um “problema” relacionado aos cristãos é na carta que Plínio, o moço escreve para Trajano acerca do que se fazer no caso dos cristãos. Se deveriam ser mortos ou não, a pena conforme as idades e as obrigações a serem impostas a eles, como a adoração ao imperador. Trajano (TRAJANO, Cartas 10,97 *apud* FUNARI, 2003, p.92) responde nestes termos:

Meu caro Plínio, você agiu como devia tê-lo feito, examinando as causas daqueles que lhe foram delatados como cristãos. Não se pode ter uma regra geral e fixa a esse respeito. Não devem ser perseguidos, mas se forem denunciados e perseverarem, devem ser punidos. Contudo, se alguém negar ser cristão e se provar com atos, ou seja, sacrificando aos nossos deuses, mesmo que seja suspeito quanto ao seu passado, terá o perdão pelo arrependimento. [...]

Essa resposta denota que os problemas ainda são extremamente locais. A pouca preocupação demonstrada pelo imperador em relação aos cristãos também faz pensar que ainda não estamos falando de um problema político, mas unicamente religioso. Isso se deve ao fato de que os cristãos não adotaram uma posição de confronto em relação às autoridades romanas,

ao contrário do judaísmo quando das duas revoltas judaicas contra Roma (66-73 d.C.; 132-136 d.C.). Segundo Silva (2006, p. 244), nem mesmo Tertuliano, grande crítico do culto imperial, adotou uma posição de hostilidade frente ao império. Segundo esse mesmo autor, esse fato teria contribuído para uma certa “indulgência” dos imperadores do Principado em relação aos cristãos.

Segundo essa linha de pensamento, vale lembrar que, para o Império, não existe, em um primeiro momento uma separação entre judeus e cristãos. Ambos são vistos como seitas correntes na Palestina. Chevitarese (2006, p. 164) mostra ainda que no início da pregação de Paulo, o cristianismo é bem acolhido em muitos lugares. Várias comunidades são fundadas e convivem em harmonia com as localidades. Com algumas raras exceções, cristãos e pagãos convivem harmoniosamente. Até a segunda metade do século I, os cristãos não tiveram problema algum com o governo imperial. Isso se deve ao fato de que os romanos tinham uma tolerância grande em relação às religiões vindas de outras partes do império:

Tal como eran en el siglo I a.C. y seguirían siendo durante varios siglos más, los miembros de la clase dirigente romana estaban dispuestos a hacer negocios con gente que adoraba a dioses diferentes y estaba acostumbrada a tradiciones políticas diferentes. El politeísmo romano era capaz de adaptarse y en realidad de confundirse con lo que poderíamos llamar las tradiciones provincianas. Los dioses romanos y los griegos llegaron a ser prácticamente idénticos. Los dioses celtas, semíticos, panonios y africanos fueron asimilados a dioses grecorromanos o bien aceptados como dioses respetables por derecho propio en una medida que no por ser evidente es menos asombrosa. (MOMIGLIANO, 1992, p. 207)

Entretanto, segundo o mesmo autor, as autoridades romanas legislavam com rigor sobre a religião. Os deuses participavam da vida cotidiana e civil dos romanos. Essa tolerância poderia mudar rapidamente caso a religião oficial fosse desrespeitada ou outras crenças se mostrassem subversivas e causadoras de desordem social.

Os judeus configuram como um caso especial no quadro imperial: enquanto todos os outros povos recebem liberdade de culto com a condição de adorarem o imperador, os judeus são dispensados desse culto ao imperador, prestando culto pela saúde do imperador e pagando seus tributos. Apesar desses favorecimentos, os judeus não eram bem vistos pelos pagãos, devido às revoltas suscitadas entre os judeus assim como sua recusa em adorar as divindades romanas. A partir do momento em que os cristãos começam a ser vistos como uma religião diferente da judaica, eles têm que lidar com um duplo problema, como nos mostra Silva (2006, p. 246), “[...] os cristãos se encontravam em uma posição ainda mais frágil, pois

se, por um lado não podiam evocar, em defesa de sua crença, a tradição ancestral, como faziam os judeus, por outro assumiam todo o ônus da sua associação com o judaísmo.”

O incêndio de Roma em 63 costuma ser apontado como o início da perseguição aos cristãos, tendo Nero como o primeiro imperador a, de fato, perseguir os cristãos. Chevitarese (2006, p. 166) identifica na documentação da época tanto pagã quanto cristã que carece de fontes para se conectar o incêndio com a perseguição. A única exceção apresentada é Tácito. Os outros, de Suetônio a Tertuliano, nenhum conecta esses dois processos de forma tão automática quanto temos o costume de pensar. Parece ser de consenso geral que a acusação de *superstitio* era muito comum. Na verdade, Chevitarese (2006, p. 167) admite que Nero possa ter colocado a culpa do incêndio nos cristãos, mas esses já eram mal vistos na sociedade. Seriam então, “bodes expiatórios” perfeitos devido a sua impopularidade junto à população da urbe por causa de suas críticas ao politeísmo e o seu proselitismo.

Com Domiciano, no final do século I, a perseguição aos cristãos ganha um sentido diferente:

[...] as perseguições ajudam a identificar o cristianismo, antes confundido com um ramo do judaísmo, gozando do estatuto de *religio licita*, como uma *superstitio illicita*, além de ser visto como uma forma de ateísmo (*impietas*) e impiedade (*maiestas*). Com Domiciano, os cristãos passam a ser vistos como uma religião transgressora; a perseguição de Domiciano afetou não apenas Roma, mas todo o Império; a presença de importantes nomes de algumas das mais influentes famílias romanas aponta para a cristianização de segmentos do alto estrato romano. (CHEVITARESE, 2006, p. 169)

Além disso, o cristianismo estava interferindo na participação política dessas figuras importantes na sociedade. Com Marco Aurélio e a crescente importância do exército para a sobrevivência do imperador no poder, os cristãos são vistos como os responsáveis pelos problemas enfrentados pelo Império devido a sua superstição e sua recusa em adorar os deuses romanos. Essa intensificação das perseguições se faz presente também nas localidades. Otero (2000, p. 110) cita cartas dirigidas aos cristãos da Ásia e da Frígia tendo por tema, essas perseguições e execuções.

No final do século II, Chevitarese (2006, p. 171-173) identifica três fases relativas à perseguição: a primeira seria entre 161-169, intensificando-se os sentimentos anticristãos, mas sem mudar substancialmente os procedimentos determinados por Trajano no documento citado acima. A segunda fase, pode ser situada por volta de 177 quando os cristãos já são vistos como um problema político, ainda mais depois da disseminação do montanismo que batia de frente com o sistema imperial, provocando o imperador, sedentos de martírio. A

terceira, nos fins do governo de Marco Aurélio e Cômodo onde a Igreja goza de certa paz em relação ao Império, apesar das leis anticristãs não terem sido revogadas.

É com o advento do período conhecido como “Anarquia Militar” (235-286) que o cenário de intolerância religiosa irá intensificar as perseguições romanas contra os cristãos. Esse período da história imperial de Roma caracteriza-se por uma sucessão constante de imperadores saídos dos altos cargos do exército, muitos dos quais reinavam por períodos curtíssimos de tempo, não chegando nem a entrar na cidade de Roma, já que eram coroados no próprio campo de batalha. Em meio à crise política e ao enfraquecimento da imagem do imperador, os cristãos serão cada vez mais apontados como bodes expiatórios responsáveis pelos problemas enfrentados pelo império.

Décio irá assumir o império como o restaurador dos costumes da antiga religião romana. Para tanto, publica um edito obrigando o culto imperial a todos os habitantes do império. O cristianismo passa a ser encarado como um problema político, a partir desse momento. Segundo Silva (2006, p. 248),

[...] o objetivo de Décio não era, num primeiro momento, proibir o cristianismo em si mesmo, mas exigir que todos os cristãos do império dessem prova de lealdade cívica, incluindo os cristãos que, desse modo, seriam reintegrados à comunidade política romana.

Já Valeriano irá impor uma séria perseguição aos cristãos. Confisco de bens, exílio e execuções são empregados a todos os que eram denunciados como cristãos, fossem populares ou grandes figuras da sociedade. Aos sacerdotes, as penas eram as mais severas. Com sua morte por exércitos estrangeiros, Galieno, seu filho, assume o poder, mas devido às péssimas condições da política imperial, a Igreja ganha liberdade para celebrar seu culto publicamente. Esse pequeno período de paz contribui para a difusão do cristianismo e o crescimento do prestígio dos bispos em meio à sociedade romana, sobretudo pelas obras de caridade. Vê-se um abandono da perseguição institucional imperial, já que a Igreja passa a estabelecer relações institucionais com o império, entretanto, não podemos perder de vista que, ainda assim, perseguições locais continuam sendo colocadas em prática em algumas províncias.

O quadro da Anarquia Militar será superado com a ascensão de Diocleciano ao poder. Em uma tentativa de restaurar o império, Diocleciano restabelece o culto ao imperador, proibindo severamente a sua omissão. As medidas contra os cristãos serão mais severas que as perseguições anteriores, o que levará esse período a ficar conhecido como Grande

Perseguição. Os editos publicados vão desde o confisco de bens até a pena de morte. A perseguição empreendida por Diocleciano, segundo Silva (2006, p. 252),

[...] foi mais efetiva nos territórios orientais colocados sob o controle direto de Diocleciano, Galério e Maximino Daia, do que no Ocidente, onde a renúncia antecipada de Maximino, a usurpação de Maxêncio (senhor da Península Itálica e do norte da África desde 306) e a ascensão verdadeiramente meteórica de Constantino após a morte de seu pai, Constâncio Cloro, favoreceram consideravelmente os cristãos.

De fato, Constantino irá proclamar nos primeiros anos do século IV o edito de Milão, conferindo liberdade de culto aos cristãos, apesar de ele mesmo permanecer pagão.

### 1.2.2 O Fenômeno do Martírio

O martírio constitui-se como um dos mais importantes fenômenos da Igreja primitiva. Por séculos, os mártires foram considerados os verdadeiros defensores da fé cristã e a eles, foram dispensadas honras especiais e culto por parte dos demais cristãos.

Discutimos anteriormente a intensificação das perseguições aos cristãos ao longo do tempo: inicialmente um problema religioso na Judeia do primeiro século até um grande problema do Império nos fins do século segundo. Otero (2000, p. 111) relaciona essa perseguição aos cristãos aos sentimentos de aversão a eles por parte dos pagãos. Muitos cristãos eram acusados de canibalismo, infanticídio, incesto... Se pensarmos a sociedade romana do período onde “[...] o pluralismo cultural produzia o ‘desmanche’ dos valores imperiais romanos” (2000, p. 11) essa aversão aos cristãos ganha sentido, pois, como vimos, ao se agravar os problemas do Império, os cristãos passam a ser vistos como bodes expiatórios, responsáveis pelos problemas do Império por se recusarem a oferecer culto aos deuses romanos.

[...] sacrilégio e ateísmo foram motivos frequentemente abordados nas acusações contra os cristãos, descritos nos textos dos interrogadores dos mártires. [...] podemos concluir [...] dois principais problemas político-religiosos nos quais os cristãos (praticantes da religião monoteísta se esbarram: o primeiro deles está na religião romana [...] o segundo, no culto ao imperador [...] (OTERO, 2000, p. 116)

Assim, era diante dos tribunais romanos que os cristãos eram “postos à prova”. Ou recusavam o culto ao imperador e eram condenados ou ofereciam os cultos estatais e se colocavam contra a fé no Deus altíssimo e em Jesus como o salvador.

A palavra “mártir” vem do grego (*martyras*) e significa testemunha. Esses homens, mulheres, crianças e velhos que morreram pela fé foram muito valorizados pela Igreja desde os primórdios, com a redação e conservação das atas dos martírios e o culto aos mártires a partir dos séculos III e IV. Após a morte, seus corpos eram recuperados pelos cristãos e sepultados em cemitérios cristãos.

Para os cristãos, o martírio consistia na forma mais corajosa de se manifestar a fé diante dos pagãos. Muitos abraçaram o martírio com convicção e quase com o desejo de, de fato, morrer pela fé. Criou-se assim um sentimento de pertença à comunidade cristã que ultrapassa os limites da vida terrena e que faz com que o indivíduo possa ser gloriosamente recebido na Igreja do céu, porque foi, na terra, fiel até o fim. O mártir, nesse sentido, é considerado herói para a comunidade cristã porque teve a coragem de enfrentar o “príncipe desse mundo” e, por isso, merece reconhecimento por parte da comunidade bem como culto, porque ele recebeu a recompensa prometida. Se buscarmos na Bíblia, muitos textos dos evangelhos e do apocalipse se referem aos mártires como soldados de Deus, participantes da glória divina, provados pelo mundo. Em alguns textos, o próprio Jesus os encoraja dizendo que se resistirem até o fim serão salvos (cf. Mt 10, Jo 15, Ap 7).

Em um contexto em que a identidade cristã ainda está em formação, muitas vezes confundida pelos pagãos com o judaísmo, o martírio configura-se como uma forma clara de definição de identidade, pois, ao afirmar sua fé e se recusar a oferecer os sacrifícios aos deuses e ao imperador, os mártires reafirmavam sua identidade religiosa cristã em um contexto de extrema oposição a ela. De acordo com Lieu (2009, p. 4), a disposição em dar suas vidas pela fé cristã é um traço de que os cristãos se compreendem como separados de outras realidades, como o paganismo. Os relatos de martírios, representações literárias, “nos lembram como a representação literária, de fato, se afirma como experiência a seus leitores.” (LIEU, 2009, p. 4)

Sem dúvida, como lembra Oliveira (2009, p. 58), Jesus é o exemplo maior de mártir, ele mesmo sendo o primeiro a se sacrificar. Assim, o ato de doar a vida pela fé constitui-se muito mais que um simples ato isolado e inconsciente, mas com um objetivo duplo: oferecer-se a Deus como um sacrifício que lhe agrada e uma forma de divulgar a fé. Nesse sentido o martírio constitui uma forma de apologia do cristianismo.

Alguns dos autores, como Otero (2000), lendo as fontes antigas percebem que as perseguições constituíram uma forma de propaganda, para que mais conversões acontecessem, o que alguns autores como Gilvan V. Silva (2006) contrapõe essa visão, trazendo à discussão os inúmeros casos de *lapsi*, cristãos que, na hora do interrogatório ofereceram o culto aos imperadores, traindo assim os princípios da fé cristã. Segundo Silva (2006, p. 248), existiam várias modalidades de *lapsi*:

Havia três modalidades de *lapsi*: os *sacrificati*, ou seja, os que ofereciam uma vítima animal; os *thurificati*, que queimavam incenso ou vertiam vinho junto à imagem de uma divindade ou do próprio imperador e os *libellatici*, os que compravam certificado de sacrifício ou usavam de influência para obtê-lo.

Ainda de acordo com o mesmo autor, o número desses *lapsi* superou o número de mártires e confessores<sup>8</sup> durante as perseguições do século III. A presença desses *lapsi* constitui um problema para a comunidade cristã. Como “traidores”, eles deveriam ou não ser reintegrados à comunidade? Segundo Oliveira (2009, p. 39), Tertuliano condenava a negação da fé, mas acreditava que os *lapsi* mereciam o perdão da Igreja após seu arrependimento e cumprimento de penitências. Entretanto, nem todos pensavam da mesma forma, por isso, essa questão acabou gerando algumas divisões dentro da comunidade. A mais expressiva foi o novacianismo que surgiu no século III quando Cornélio, bispo de Roma, acolheu *lapsi* dentro da comunidade, provocando o descontentamento de Novaciano, presbítero que, em razão disso, fundou um grupo dissidente chamado de *catharoi* (os puros).

Por fim, podemos perceber que, assim como o martírio se insere no cristianismo antigo como um “identificador” e um “divisor”. Identificador, como iremos aprofundar mais adiante, na medida em que permite aos pagãos perceber quem são esses cristãos, sejam eles transgressores ou heróis. Por motivo muito parecido, o martírio se caracteriza como um divisor dentro e fora da comunidade cristã, pois, para grande parte dos cristãos, a confissão da fé através da sobrevivência às perseguições ou à morte pela fé cristã passa a ser, dentro da própria comunidade um sinal do tamanho da fé do indivíduo bem como da sua verdadeira pertença à religião que ultrapassa as palavras, mas que se traduz em atitudes.

---

<sup>8</sup> Perseguidos que não chegaram a morrer pela fé, alguns dos autores eclesiásticos consideram-nos tão importantes quanto os mártires.

### 1.3 TERTULIANO: VIDA E OBRA

Quinto Setímio Florente Tertuliano é, sem dúvida, um dos maiores expoentes da literatura latina cristã antiga ocupando um lugar de importância considerável ainda hoje nos estudos da teologia. Considerado o maior escritor cristão antes de Agostinho (PODOLAK, 2006, p.12), “do ponto de vista histórico, sua função mais importante foi lançar as bases linguísticas, filosóficas e conceituais da reflexão teológica ocidental”. No entanto, apesar de sua importância para a igreja da África e para toda a igreja ocidental, seus dados biográficos são altamente debatidos pelos pesquisadores. Uma de suas primeiras biografias foi escrita por São Jerônimo<sup>9</sup>, que o apresenta na lista de personalidades da igreja:

Agora, finalmente, foi colocado em primeiro lugar entre os escritores latinos, depois de Vítor e Apolônio [hoje perdidos], o padre Tertuliano, originário da província da África, nascido na cidade de Cartago, de pai centurião proconsular. Ele, de índole resoluta e impetuosa, cresceu sob os imperadores Severo e Antônio Caracala e escreveu numerosas obras que não enumeramos por serem de todos conhecidas. Encontrei uma vez em Concórdia, cidade da Itália, um velho de nome Paulo que dizia ter visto em Roma, quando era ainda muito jovem, um secretário do beato Cipriano, já de idade avançada. Ele dizia que Cipriano, como era costume, nunca tinha deixado passar um dia sem a leitura de Tertuliano e, frequentemente dizia: “Dá-me o mestre”, indicando Tertuliano. Este, padre da Igreja até a idade madura, tendo passado a seguir a doutrina de Montano por aversão e pelas ofensas do clero da Igreja de Roma, em muitos livros faz menção à nova profecia. Particularmente compôs contra a Igreja as obras *Sobre o pudor*, *Sobre a perseguição*, *Sobre o jejum*, *Sobre a monogamia*, seis livros *Sobre o êxtase* e um sétimo que escreveu *Contra Apolônio*. Dizem, ademais, que teria vivido até a idade avançada e publicado muitas obras que não chegaram até nós. (Jerônimo, *Os homens ilustres*, cap. 53)<sup>10</sup>

Um historiador chamado Barnes<sup>11</sup> foi um dos principais escritores modernos que criticaram as informações trazidas por Jerônimo, questionando a grande maioria dessas informações que não constavam na *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesaréia.

Segundo ele, Jerônimo havia se precipitado em interpretar alguns trechos de obras de Tertuliano, como no caso do fato de o apologista ser filho de um centurião proconsular. Da mesma forma, o historiador interpreta que Jerônimo identifica Tertuliano como presbítero por

---

<sup>9</sup> Presbítero cristão que morou em Belém durante boa parte da vida. Foi o tradutor da Bíblia nos originais gregos e hebraicos para o latim, a famosa Vulgata.

<sup>10</sup> JERÔNIMO. *Os homens ilustres*, cap. 53 apud PODOLAK, P. **Tertuliano**. São Paulo: Edições Loyola, 2006, pp. 11-12.

<sup>11</sup> BARNES, T. D. **Tertulien**. A historical and literary study. Oxford, 1971.

causa do seu gênero de escrita que se assemelha com o gênero homilético, apesar de que na igreja de Cartago, os fiéis também podiam exortar a comunidade (PODOLAK, 2006, p. 13).

Do contrário, o erudito R. Braun<sup>12</sup> questiona, por sua vez, a demasiada descrença de pesquisadores como Barnes em relação às informações legadas pelos biógrafos antigos. Assim sendo, ele não recusa totalmente a informação do pai de Tertuliano ter sido um centurião e de que Tertuliano poderia ter sido presbítero.

Podemos de qualquer forma concordar com o fato de que Tertuliano nasceu em Cartago por volta do ano 150 ou 160 e sua conversão ocorreu por volta do ano de 190. A sua morte poderíamos situar pelo ano 220 ainda na cidade de Cartago. Em suas obras deixa transparecer a vivência da cultura romana: espetáculos, anticristianismo, culto a deuses... Foi casado e provavelmente também foi retórico e literato, baseado em seu conhecimento acerca dos acontecimentos culturais de sua cidade (PODOLAK, 2006, p. 16).

Tertuliano está inserido em um cenário dinâmico da história romana. Em 212, Caracala confere a todos os homens livres do império a cidadania e Septímio Severo, de origem africana, é coroado imperador, dando oportunidade para muitas famílias norte-africanas a ascenderem socialmente na ordem imperial alcançando grandes e importantes cargos. Cartago era uma cidade importante desde os tempos púnicos. Na era imperial, ganha ainda mais destaque devido a sua posição estratégica no Mediterrâneo bem como sua localização privilegiada do ponto de vista militar e político (OLIVEIRA, p. 3-4) contribuiu para que Tertuliano tivesse contato com o conhecimento erudito bem como a oportunidade de estudar as leis imperiais em Roma.

No fim de sua vida, aderiu ao montanismo. Essa corrente cristã foi criada na Frígia, mais precisamente no vilarejo de Ardabau cerca do ano de 170. Seu criador foi Montano que dizia ser possuído do Espírito Santo. “O movimento que no entanto não foi imediatamente recusado pela hierarquia da grande Igreja, era caracterizado por uma forte espera escatológica, por um notável rigorismo ascético e pelo entusiasmo espiritual [...]” (PODOLAK, 2006, p.17) Uma das críticas do movimento foi exatamente a hierarquização da grande igreja<sup>13</sup>, por isso não construiu uma hierarquia separada. Assim, o montanismo foi, inicialmente interpretado, não como uma heresia ou uma separação mas como um movimento carismático dentro da igreja. Em 213 o montanismo é condenado pela Igreja e Tertuliano rompe com a grande Igreja para abraçar de vez o montanismo e empreender um período de

---

<sup>12</sup> BRAUN, R. Um nouveau Tertulien: problèmes de biographie et de chronologie, **REL** 50, 1972, pp. 67-84.

<sup>13</sup> Entendemos aqui por “grande Igreja” a igreja no sentido mais universal, sem perder de vista que ainda não temos um cristianismo perfeitamente definido como já vimos anteriormente.

críticas à grande Igreja partindo do ponto de vista da ética sexual, alimentar e matrimonial. Morreu, segundo Podolak (2006, p. 19) tentando consolidar a seita que tanto defendeu.

A importância de Tertuliano se deve ao fato de que foi um dos primeiros grandes escritores cristãos do ocidente. Além disso, muito mais do que ser referência a escritores posteriores como vimos, Tertuliano foi o primeiro a utilizar o latim como uma língua cristã. Oliveira (2009, p. 35-36) nos mostra que Tertuliano foi pioneiro nos escritos teológicos em latim, ressignificando e formulando neologismos para compor um latim “cristianizado”.

Tertuliano foi um grande escritor, não só em qualidade, mas também em quantidade. Muitas obras suas são conhecidas e muitas outras, provavelmente foram perdidas. Pietro Podolak (2006) as separa em quatro grupos levando em consideração a proposta geral das obras. Temos, pois, as obras apologéticas, catequéticas, doutriniais e montanistas. Como as obras que trabalharemos são apologias, iremos discorrer sobre essa tipologia por último e mais detalhadamente.

### 1.3.1 Obras catequéticas

As obras catequéticas são destinadas ao ensinamento da fé cristã. Por serem obras curtas, são muito semelhantes às homilias, provavelmente pregadas na igreja de Cartago pelo seu autor. Trazem temas curtos e bem específicos como *De spectaculis*, *De oratione*, *De baptismo*, *De cultu feminarum*, apenas para citar algumas.

Podolak percebe nessas obras uma influência muito grande da cultura clássica na qual Tertuliano está inserido. Assim, ele se utiliza sempre de escritores latinos e gregos, gêneros clássicos de retórica e influências da filosofia estoica, mostrando mais uma vez o quanto o cristianismo sofre influências de outras culturas da época (IZIDORO, 2008, p. 62-63). Os escritos catequéticos de Tertuliano são situáveis entre os anos 200 e 206.

### 1.3.2 Obras doutriniais

As obras doutriniais têm o intento de desenvolver de uma forma mais longa e mais profunda alguns pontos doutriniais. Como vimos anteriormente, a teologia cristã se desenvolveu devagar. Cada problema levantado pertence a uma época definida. Não se discute trindade no primeiro século porque essa é uma discussão mais tardia. Assim, Tertuliano se concentra em temas que levanta na própria *Apologeticum*. Apesar de ser uma obra apologética e não necessariamente com a intenção de aprofundar doutrina, mas de

defender a religião diante dos pagãos<sup>14</sup>, ele já esboça alguns temas que serão desenvolvidos em obras posteriores: a trindade, a cosmologia cristã e a ressurreição da carne.

Essas obras pertencem tanto ao período montanista quanto ao período anterior. Segundo Podolak (2006, pp. 63-64),

[...] os estudiosos tendem a redimensionar, se não a negar, a influência do montanismo de Tertuliano no aspecto dogmático propriamente dito. Pela notável personalidade do nosso autor, parece difícil crer que ele se nivelasse completamente, sob aspectos doutrinários ao movimento de Montano. De outro lado, não pode ser facilmente liquidada a afirmação do autor de que o montanismo age somente sobre a *disciplina* (isto é, sobre a moral), deixando inalterada a *doctrina*.

Isso porque, segundo o mesmo autor, a falta de testemunhos escritos do montanismo não deixa pistas para sabermos o quanto Tertuliano absorveu do pensamento original.

### 1.3.3 Obras montanistas

Muitas obras de Tertuliano foram escritas durante o período montanista. Várias delas são consideradas entre as obras doutrinárias que expusemos anteriormente como o caso da obra *Adversus Praxean* onde o autor irá defender o montanismo frente a esse personagem de origem desconhecida<sup>15</sup>.

As obras chamadas montanistas segundo a tipologia que utilizamos aqui se referem a obras que se encarregam da defesa e propagação da seita montanista. Podemos enxergar em Tertuliano duas relações muito claras com o montanismo: a primeira quando o apologista adere à seita sem separar da grande Igreja; a segunda é quando já se percebe um rompimento e polêmicas doutrinárias com os demais cristãos. Muitas obras pertencem a esse período tardio da escrita de Tertuliano como *De idolatria*, *De fuga in persecutione*, *De monogamia*, entre outras.

### 1.3.4 Obras apologéticas

---

<sup>14</sup> No caso da *Apologeticum*, defender o cristianismo perante as autoridades romanas.

<sup>15</sup> Segundo Podolak (2006, p. 81) o personagem Práxeas é incerto e desconhecido. Alguns pesquisadores pensaram se tratar de algum papa, mas Podolak prefere acreditar que seja algum personagem importante da igreja de Cartago.

As obras apologéticas estão entre as mais famosas e importantes da produção de Tertuliano, de fato, não só ele, mas diversos padres dedicaram-se a esse tipo de literatura, muito comum no oriente, constituindo um gênero importantíssimo nos primeiros séculos da Igreja. Antes de apresentarmos as obras apologéticas de Tertuliano, vamos entender melhor o que é esse gênero e porque ele é tão importante no período que estamos estudando.

O cristianismo nasce em um mundo onde as filosofias helenísticas influenciaram fortemente o pensamento do período. Por isso não podemos deixar de perceber essas influências também nas obras dos padres apologistas. José Joaquim Melo (2008, p. 64) nos lembra que existiu um diálogo complexo e difícil entre disciplinas como Gramática, Retórica, Dialética, Música, Filologia entre outras com a teologia cristã em desenvolvimento. Por outro lado, essa relação rendeu muitos frutos para a fundamentação do cristianismo. A Filosofia encontra aqui um lugar especial:

Em contrapartida, a relação com a Filosofia foi complexa e a sua assimilação dificultada, em virtude da natureza de seus conteúdos, que com frequência se opunham à doutrina cristã [...] É certo que os intelectuais cristãos também viam com certa desconfiança a Retórica, mas a desqualificação que faziam dela não teve a mesma dimensão da que faziam da Filosofia. Enfim, a Filosofia, como uso metódico da razão e da investigação racional, representava uma poderosa ameaça, que merecia estudo cuidadoso e deveria ser trabalhada com precaução, ante as supostas heresias dela decorrentes, que constantemente questionavam as verdades da nova fé, tidas como absolutas. (MELO, 2008, pp. 54-57)

Não obstante, os escritores cristãos fizeram muitos usos da filosofia pagã em seus escritos. José Joaquim Melo identifica nos padres apologistas do século II uma cristianização da Filosofia a tal ponto de muitos padres afirmarem “[...] que as doutrinas humanas podiam ser levadas em conta pelos cristãos porque faziam parte da sabedoria divina. Afirmavam que Platão e os demais filósofos copiaram Moisés e os profetas.” (MELO, 2008, p. 57)

Vemos assim, uma característica muito presente nas apologias, inclusive em Tertuliano, que é dar sentidos cristãos àquilo que, originalmente, não possui. Assim, para construir seu argumento, cristianizam a filosofia e outras coisas para darem veracidade ao pensamento cristão e inocentá-lo das acusações que estava recebendo.

Podemos, então, definir apologia como os escritos, sejam eles discursos, tratados, diálogos ou cartas, destinados a defender a fé cristã diante: “são endereçados às autoridades imperiais, ao público pagão ou a comunidades ameaçadas. Os inimigos são vários:

relacionados ao paganismo, ao judaísmo, gnosticismo ou marcionismo.” (ARZANI e VENTURINI, 2010, p. 1) Podemos situar esses escritos entre os séculos II e IV.

De fato, muitas acusações eram dirigidas aos cristãos por essas correntes citadas acima. Assim, teólogos, padres e bispos se utilizarão dos mesmos recursos intelectuais para defender o cristianismo das ridicularizações e condenações sofridas e também para mostrar a superioridade do pensamento cristão em relação ao pensamento clássico. (MELO, 2008, p. 56).

Arzani e Venturini (2010) consideram Justino como um dos fundadores da tradição apologética cristã. Tertuliano se insere nessa categoria como um dos mais expressivos padres apologistas do ocidente, influenciando grandes pensadores cristãos, não necessariamente apologistas, nos séculos posteriores. Agostinho de Hipona é um exemplo dessa influência.

O termo apologia encontra-se, em uma de suas primeiras aparições na Apologia de Sócrates, escrita por Platão por volta de 399 a.C. em defesa de seu mestre. Xenofonte escreve uma obra com o mesmo título e o mesmo intento. Em ambas, a apologia adquire um sentido de “discurso de defesa”. De igual forma, Flávio Josefo também escreve em defesa dos judeus diante dos gregos. Assim sendo, como recordam Arzani e Venturini (2010, p. 3), os escritos de caráter apologético já são conhecidos no século I d.C. A intensificação das perseguições contra os cristãos irá aumentar a necessidade de defender a fé diante desses perseguidores. Nesse quadro, as apologias ganharão espaço na literatura cristã a partir do século II d.C.

Tertuliano, como dissemos anteriormente, é um dos mais expressivos representantes desse movimento apologético do ocidente. As suas primeiras e mais conhecidas obras foram escritas seguindo esse gênero: *Ad Martyras*, *Apologeticum*, *Ad Nationes*, *Adversus Iudaeos*, entre outras. Nossa análise se deterá nas duas primeiras obras.

## CAPÍTULO 2. MARTÍRIO E IDENTIDADE: *APOLOGETICUM* E *AD MARTYRAS*

### 2.1 AS FONTES

Como dissemos acima, Tertuliano deixou para a posteridade muitas obras sobre assuntos variados, muitas delas sendo perdidas. Qualquer uma delas poderia servir para nossa pesquisa, mas elegemos duas que consideramos mais relevantes para o estudo proposto: *Apologeticum* e *Ad Martyras*. Ambas pertencem ao grupo dos escritos apologéticos que comentamos acima, entretanto, possuem características muito particulares que iremos aprofundar desde ponto em diante. Antes de analisarmos melhor as questões levantadas, vamos conhecê-las de uma forma mais geral.

A exortação *Ad Martyras* foi uma das primeiras obras escritas por Tertuliano. Existe um debate acerca de sua primazia, alguns autores consideram a segunda obra (PODOLAK, 2010, p. 24). De qualquer modo, é uma das primeiras obras do escritor e pioneira no estilo apologético, inaugurando assim, esse estilo literário no Ocidente, profundamente influenciado pelo estoicismo. É uma obra pequena (diferentemente da *Apologeticum*), contando com seis capítulos.

No início, Tertuliano endereça sua obra aos cristãos que sofrem as perseguições. A primeira parte dedica-se a “confortar” os perseguidos encarcerados. Utilizando-se imagens de lutadores e atletas, Tertuliano anima os cristãos a manterem-se firmes, pois, assim como os atletas sofrem fadigas para se alcançar o prêmio, assim também são os cristãos. Na segunda parte, o autor utiliza imagens do mundo pagão que se destacaram por sua coragem e destemor diante da morte. Por fim, encerra a exortação lembrando que a vida é passageira comparada à eternidade da recompensa advinda do martírio.

A obra *Apologeticum* constitui um grande tratado mais elaborado no seu sentido retórico. Data de cerca de 197, época das campanhas militares de Septímio Severo. A obra é muito próxima do escrito *Ad Nationes*, sendo ambas dirigidas aos pagãos, assim, são bem distintas da exortação citada anteriormente. Podemos dividir a obra de várias formas, como discute Podolak (2010, p. 29):

Assim, no interior da obra podemos distinguir um proêmio (cap. 1-3) ou *exordium*, uma divisão do argumento (cap. 4), uma *praemunitio* (cap. 5-6), isto é, uma discussão preliminar de caráter jurídico, e enfim uma *refutatio* (cap. 7-9). Esta pode ser repartida em subseções: numa primeira (cap. 7-9) o autor examina os crimes secretos (canibalismo e incesto) que eram imputados aos cristãos; numa segunda (cap. 10-27) são examinadas e

refutadas as acusações de sacrilégio (*irreligiositas*) endereçadas aos adeptos da nova religião; a terceira seção (cap. 28-36) examina e repele a acusação de lesa majestade (*crimen maiestatis*); enfim (cap. 37-45) passa-se em resenha a acusação de ódio contra o gênero humano. Como conclusão da obra (cap. 46-49), encontramos uma seção voltada para a instrução dos pagãos sobre a conduta de vida que inspira os cristãos.

Os argumentos são apresentados acompanhados de diversos exemplos para que o leitor se convença da verdade defendida pelo autor. A obra não é endereçada ao imperador ou ao Senado, mas às autoridades locais (PODOLAK, 2010, p. 33) o que nos mostra a perseguição aos cristãos como ainda iniciativa local, afinal, se fosse uma perseguição cruel, provavelmente o autor não teria sobrevivido muito tempo após a circulação da obra.

As questões levantadas pelas fontes são muitas. Escolhemos, então estudar esses escritos guiando-nos por temas e não seguindo o argumento do autor, assim, iremos buscar compreender como Tertuliano identifica os cristãos, quem são os perseguidores e qual o papel do martírio nessa busca do cristão ideal.

## 2.2 APOLOGETICUM

A obra é dirigida aos perseguidores dos cristãos que, segundo diz Tertuliano, perseguem os cristãos unicamente porque não conhecem verdadeiramente a religião. Desta forma, para o autor, se os pagãos conhecessem o cristianismo, não haveria motivo de perseguição:

Assim, confirmamos que tanto são ignorantes enquanto nos odeiam, e odeiam descabidamente, quanto quando continuam em sua ignorância, sendo uma coisa o resultado da outra, se não o instrumento da outra. A prova de sua ignorância, ao mesmo tempo condenando e se escusando de sua injustiça, é esta – odeiam o Cristianismo porque não conhecem nada sobre ele nem querem conhecê-lo antes de por a todos debaixo de sua inimizade. (*Apologeticum*, I)

Assim, o autor se propõe a apresentar a esses perseguidores quem são os verdadeiros cristãos. Como discutimos anteriormente, é impossível considerarmos um cristianismo universal nesse período. Entretanto, Tertuliano, ao defender os cristãos diante dos pagãos, acaba por delimitar quem são os cristãos, de acordo com a sua visão. É aí que o nosso estudo ganha sentido.

Apesar de serem injustiçados, Tertuliano argumenta que a perseverança dos cristãos é a prova de sua inocência:

Eles se envergonham ou se lamentam de não terem sido cristãos há mais tempo. Se são apontados cristãos, disso se gloriam. Se são acusados, não oferecem defesa. Interrogados, fazem uma confissão voluntária. Condenados, agradecem... Que espécie de mal é este que não apresenta as peculiaridades comuns do mal, do medo, da vergonha, do subterfúgio, do arrependimento, do remorso? Que mal, que crime é este de que o criminoso se alegra? Serem acusados cristãos é seu mais ardente desejo, serem punidos por isso é sua felicidade! Vós não podeis chamar isto de mal – vós que continuais convictos de nada saberdes do assunto. (*Apologeticum*, I)

Não podemos perder de vista que Tertuliano se propõe a defender os cristãos, assim, utiliza argumentos que possam provar a sua defesa. Nem sempre esses argumentos serão verdadeiros. Como vimos, a presença dos *lapsi* torna-se muito visível ao longo do período das perseguições, especialmente de Décio, onde elas são mais agressivas do que as anteriores (SILVA, 2006, p. 248). Mas para o discurso que ele constrói, a presença dos mártires convictos de sua fé é prova de que a religião não é mal, porque, segundo ele, o que é mal naturalmente é reconhecível. Como o cristianismo não é um mal, mesmo sendo perseguidos, seus adeptos continuam defendendo-o. O próprio interesse dos pagãos em relação aos cristãos parece ser uma prova disso, como o autor expõe ridicularizando a perseguição de Nero:

Mas nós nos gloriamos de termos nossa condenação lavrada pela hostilidade de tal celerado porque quem quer que saiba quem ele foi, sabe que nada a não ser uma coisa de especial valor seria objeto da condenação de Nero. (*Apologeticum*, V)

Utilizando-se dos seus conhecimentos acerca da lei romana, afinal, era advogado, a primeira impressão que deixa dos perseguidores é que são completamente injustos de acordo com as leis civis. Segundo Tertuliano, todos os criminosos são julgados pelos tribunais e investigados. Aos cristãos, isso não ocorre:

Consequentemente, também, acontece que eles acreditam em coisas sobre nós das quais não têm prova, sobre as quais não estão inclinados a pesquisar, incomodados com as perseguições. Eles gostariam mais de confiar, pois está provado que nada há de fundamentado contra os cristãos. Com esse nome tão hostil àquele poder rival – seus crimes sendo presumidos, não provados – eles poderiam ser condenados simplesmente por causa de sua própria confissão. Assim, somos levados à tortura se confessamos e somos punidos se perseveramos, mas se negamos somos absolvidos porque toda a hostilidade é contra o nome. (*Apologeticum*, II)

Assim, Tertuliano exige para os cristãos direito de defender-se das acusações, pois mesmo o ódio sendo ao nome dos cristãos, as punições são relativas aos seus atos, que são diferentes dos pagãos. Segundo Oliveira (2012, p. 385),

[...] o autor busca demonstrar, a partir da sua perspectiva cristã, que existem erros no trâmite dos processos contra os cristãos, especialmente da parte daqueles que deveriam estar preparados para tal função, tão importante e honrosa em Roma a qual está ligado o autor. Entretanto, em detrimento da imagem dos perseguidores descrita, o apologista Tertuliano busca identificar e desconstruir a imagem que estes perseguidores fazem dos cristãos.

Aqui, a questão do culto aos deuses romanos e ao imperador constitui uma fronteira, na medida em que passa a identificar dois grupos distintos, especificamente pelas práticas religiosas. Seu argumento se constrói no sentido de que os cristãos são acusados de traírem os princípios da tradição, quando, na realidade, são os próprios pagãos que abandonaram as tradições primeiramente. No capítulo VI, o apologeta lista uma série de novas práticas religiosas e culturais correntes no império, provavelmente influenciados pelas inúmeras culturas que entram em contato com a cultura romana. Podemos aqui perceber o quanto a chamada “romanização” tem seus limites.

Criado pela historiografia do século XIX, o conceito de romanização considerava a cultura romana como a “civilizadora” dos bárbaros do império. Assim, quando Roma dominava uma região, a cultura romana era imposta às comunidades locais em detrimento de sua cultura própria. O que vemos é o contrário: as transformações causadas na cultura romana diante do contato com outras culturas. Nas palavras de Richard Hingley (2000, p. 91-92),

[...] muitas pessoas foram capazes de explorar novas situações para seu próprio bem; mas isso, com certeza, exige que investiguemos com que intensidade os contextos locais eram criados, manipulados e articulados pela administração imperial, além de pensarmos como as populações locais respondiam a essas situações.

Se o cotidiano dos romanos era influenciado pela interação entre a cultura romana e a cultura local, a identidade construída a partir desse movimento mostra-se fluida e mutável. Assim, ao notar os costumes de sua época divergentes daqueles tradicionais, Tertuliano rebate as acusações de ateísmo com um contra argumento inteligente: antes dos cristãos questionarem os valores romanos, são os próprios romanos que o fazem ao transformarem seus costumes.

O fato de que muitos imperadores foram indulgentes para com os cristãos, segundo Tertuliano (cap. V), é também uma prova de que as perseguições são fruto da antipatia dos pagãos. Como dissemos acima, as perseguições foram inicialmente motivadas pela religião e não pela política. Se considerarmos que Tertuliano escreve por volta do fim do século II, ainda não podemos considerar que existe uma perseguição institucional por parte do império romano. Essa perseguição está muito ligada à antipatia (OLIVEIRA, 2009, p. 67-68) que os cristãos sofriam por parte dos pagãos, especialmente nas regiões da Ásia e da África do Norte. Como nos lembra Otero (2000, p. 110) os cristãos eram acusados de incesto e canibalismo. Daniel-Rops (1988, p. 166-168) Cita ainda outras formas de acusações e ridicularizações feitas aos cristãos, um exemplo claro disso é um grafite que representa um asno crucificado representando Jesus. O mesmo autor mostra que a ceia eucarística onde se partilhava o pão e o vinho, para os cristãos, a carne e o sangue de Jesus, levam os pagãos a acusarem-os de canibais. Os cumprimentos e o costume de chamarem-se de irmãos e irmãs eram motivo para os pagãos desconfiarem de uniões ilícitas e de orgias. Tertuliano irá defender os cristãos justamente dessas acusações. Tertuliano assim descreve as acusações dos pagãos:

Monstros de maldade, somos acusados de realizar um rito sagrado no qual imolamos uma criancinha e então a comemos, e no qual, após o banquete, praticamos incesto, e os cães, nossos alcoviteiros, pois não, apagam as luzes para na imoralidade da escuridão nos entregarmos a nossas ímpias luxúrias! (*Apologeticum*, VII)

Para o apologeta, está muito claro que todas as acusações são fruto de boatos espalhados entre os pagãos. Se as reuniões são secretas e ninguém sabe o que se passa dentro das assembleias, como podem os cristãos cometer tais atrocidades sendo que nunca foram pegos em flagrante? Em uma sociedade permeada por correntes filosóficas, muitas herdadas do mundo grego, a provocação de Tertuliano se dirige àqueles que se dizem prudentes, mas que seguem tais boatos. Segundo o autor, os pagãos tinham certos costumes em relação à morte e ao sangue:

Atualmente, mesmo entre vós, o sangue consagrado a Bellona, sangue retirado da coxa perfurada e então partilhada, sela a iniciação aos ritos daquela divindade. Que dizer daqueles, também, que nos espetáculos dos gladiadores, para a cura da epilepsia, bebem com gananciosa sede o sangue dos criminosos mortos na arena, assim que corre fresco de seus ferimentos, apressando-se para chegarem aos que lhes pertencem? E daqueles, também, que fazem alimentos no sangue de feras selvagens no lugar dos combates –

que têm agudo apetite por ursos e veados? Na luta, esse urso foi molhado com o sangue do homem dilacerado por ele; aquele veado rolou no sangue do gladiador ferido pelas suas chifradas. As entranhas das próprias feras, embora misturadas com indigestas vísceras humanas, são muito procuradas. E de vossos homens disputando carne nutrida por carne humana? (*Apologeticum*, IX)

Ao expor tais fatos, Tertuliano procura, então, identificar nas práticas romanas aquilo que os próprios pagãos acusavam os cristãos de fazerem, para mostrar o quanto esse ódio era infundado, pois, se os pagãos cometiam tais atos e os cristãos também, nada os diferenciava. Por outro lado, Tertuliano procura dar aos cristãos uma identidade de oposição ao paganismo. Assim, ele constrói seu argumento para desconstruir a imagem que os pagãos inventaram para legitimar a perseguição aos cristãos (OLIVEIRA, 2012, p. 379). Mas o sangue não faz parte das refeições dos cristãos, o que configura como uma acusação sem fundamento para o autor, pelo contrário, é definidor do cristão autêntico:

Sim, realmente, eis aqui um teste que podereis aplicar para descobrir os cristãos, bem como a panela e o censor. Eles poderiam ser testados pelo seu apetite por sangue humano, tanto quanto por sua recusa de oferecer sacrifícios. E assim como poder-se-ia afirmar serem cristãos por sua recusa de beber sangue e sua recusa de oferecer sacrifícios, não haveria necessidade de sangue de homens, tão solicitado como é nas torturas e na condenação dos prisioneiros cristãos. (*Apologeticum*, IX)

Assim, as práticas contrárias às do mundo pagão são a prova de que o indivíduo é cristão. Seguindo essa linha de pensamento, podemos considerar que se o indivíduo deixa de seguir as práticas cristãs, não pode ser considerado cristão. Tertuliano segue utilizando esse argumento quando trata da acusação de incesto:

Uma castidade perseverante e firme nos tem protegido de algo assim, pois, resguardando-nos, como fazemos, de adultérios e todas as infidelidades após o matrimônio, não estamos expostos a infortúnios incestuosos. Alguns de nós – tornando o assunto ainda mais seguro – nos abtemos inteiramente do pecado sensual, pela continência virginal; mesmos meninos nossos tomam tal decisão quando ficam adultos. Se tiverdes notícia de que tais pecados que mencionei existem entre vós, examinem e vejam que eles não existem entre os cristãos. (*Apologeticum*, IX)

Os cristãos também são acusados de não sacrificar aos deuses romanos. Como vimos anteriormente, essa seria uma das mais importantes acusações feitas aos cristãos. Tertuliano passa então a explicar o porquê dos cristãos não sacrificarem aos deuses romanos. Conforme nos lembra Rosa (2006, p. 150), a deificação de seres humanos gerou uma certa

resistência entre alguns membros da elite, apesar de que, nas classes populares a deificação de seres humanos, principalmente imperadores foi mais aceita. Isso nos faz pensar que a própria religião romana tinha sua fluidez, sendo seguida de diversas formas, de acordo com o indivíduo e as suas ideias, bem como as influências que poderia receber de outras religiões, especialmente as vindas do oriente.

Sobre a recusa dos cristãos em promover sacrifícios aos deuses pagãos, Tertuliano parte do princípio que os deuses romanos são criados pelos homens e não são objeto de adoração para os cristãos. Sacrificar aos deuses pagãos seria o mesmo que sacrificar a si próprio, pois, para o autor, os deuses romanos (usando Saturno como exemplo) foram homens deificados após sua morte, em casos como Baco (deus do vinho) porque ele havia descoberto o vinho. Se ele descobriu, alguém teve de criá-lo. Usando o raciocínio de Platão sobre o mudo das ideias, Tertuliano “cristianiza” essa teoria platônica para explicar a existência do Deus cristão que haveria criado todas as coisas e, em uma suposição criada pelo apologeta, teria dado a Saturno a divindade, apesar de não ver sentido em alguém perfeito e autossuficiente criar outras divindades. As situações e poderes, existindo desde sempre, não devem ser deificadas.

A deificação acontecia também como uma forma de dignificar grandes personagens, mas, para Tertuliano, os pagãos só dignificavam criminosos e maus exemplos, deixando de lado grandes figuras que seriam representativas das virtudes: eloquência, justiça, riqueza, boa sorte, entre outras. O autor compara então a fabricação das imagens dos deuses com as perseguições aos cristãos:

Dessa forma não poderíamos ter o menor conforto em todos os nossos castigos, padecendo como padecemos por causa desses mesmos deuses, porque em sua formação sofreram como nós sofremos. Ponde os cristãos em cruces e estacas: Que estátua não é primeiro formada de barro e depois plasmada numa cruz ou numa estaca? O corpo de vosso deus é primeiro consagrado num estrado. Dilacerais os corpos dos cristãos com vossas garras, mas no caso de vossos próprios deuses, machados, plainas e limas são utilizadas mais vigorosamente em cada membro de seus corpos. Colocamos nossas cabeças sobre o cepo. No entanto, o prumo, a cola e os pregos são utilizados em vossas divindades que de início não têm cabeça. Somos lançados às feras selvagens, enquanto as ponde juntas a Baco, Cibele e Celeste. Somos queimados no fogo; assim também eles, em seu original material. Somos condenados às minas; delas provieram vossos deuses. Somos banidos para as ilhas; é comum a vossos deuses nelas nascerem ou morrerem. (*Apologeticum*, XII)

Assim, os pagãos constroem suas divindades da mesma forma que perseguem os cristãos. Além disso, dão preferência a um ou outro deus, deixando outros de lado e até vendendo e comercializando os seus deuses nos leilões. Seria assim uma prova de que os pagãos exigem que os cristãos respeitem e adorem os seus deuses apesar dos próprios pagãos terem práticas que contradizem esse discurso. As constantes sátiras feitas nos teatros são prova disso. Tertuliano percebe que as representações das divindades ridicularizadas nos teatros são prova de que os pagãos são os verdadeiros sacrílegos, pois os cristãos não tem nenhuma ligação com a religião pagã e aqueles que têm ridicularizam e se divertem com seus deuses. Nesse sentido, Tertuliano apresenta o cristianismo como uma opção de caminho aos romanos, abandonando, assim, a hipocrisia e as limitações da religião romana pagã (OLIVEIRA, 2009, p. 26).

Para contrapor essa “religião hipócrita”, Tertuliano começa a mostrar quem são os cristãos, sem perder de vista as acusações das quais são alvo. O autor descreve o Deus cristão como criador de todas as coisas e transcendente a tudo que existe. Para ele, o conhecimento de Deus é algo natural da alma, pois todos conhecem a Deus, mesmo quando não querem admitir, mesmo se se pratica cultos pagãos.

Embora sob o opressivo cativo do corpo, embora transviada por costumes depravados, embora enfraquecida pela concupiscência e paixões, embora na servidão de deuses falsos, contudo, quando a alma O procura, libertando-se do tédio e do torpor, movida por uma doença, e consegue um pouco de sua pureza natural, ela fala de Deus, não usando nenhum outro nome, porque este é o nome próprio do verdadeiro Deus. *"Deus é imenso e bom", "Que possa Deus dar",* são as palavras que brotam de cada boca. Dão testemunho d'Ele, também, quando exclamam: *"Deus vê", "Eu me recomendo a Deus"* e *"Deus me recompensará"*. Ó nobre testemunho da alma, por natureza cristã! Então, igualmente, usando palavras semelhantes a essas, a pessoa olha não para o Capitólio mas para os céus. Ela sabe que ali está o trono do Deus vivo, como se d'Ele e dali tudo proviesse. (*Apologeticum*, XVII)

Para legitimar a religião cristã, Tertuliano alia-a ao judaísmo como se o judaísmo fosse a raiz do cristianismo, isso porque, o autor percebe nos romanos resistências às novidades já que são grandes valorizadores da tradição, portanto, apresenta o cristianismo como uma religião antiga (OLIVEIRA, 2012, p. 378). Para isso, coloca todos os profetas e grandes personalidades da história judaica como anunciadores do Deus cristão. Esse argumento é importante se levarmos em conta as polêmicas relacionadas a judeus e cristãos desde o século I, com as questões dos judaizantes e a crítica dirigida a eles por Paulo. Tertuliano usa o judaísmo para legitimar a religião cristã no que se refere à sua antiguidade.

Se compararmos a religião romana e a cristã, a romana seria mais antiga, portanto, mais tradicional. Em um momento em que várias filosofias e seitas estão influenciando a religião dos habitantes do império e muitas delas são consideradas como avessas à tradição, a importância dada por Tertuliano à antiguidade da religião cristã, seria uma forma de fundamentar o cristianismo não como uma seita qualquer, mas como uma religião ancestral, tal qual a romana. As escrituras cristãs são assim, legitimadas pela sua antiguidade e pelo cumprimento das profecias feitas nos livros sagrados e que Tertuliano vê cumprirem-se na sociedade em que vive.

Essa aproximação com o judaísmo restringe-se à antiguidade das escrituras, pois, logo em seguida, Tertuliano se dedica a identificar o cristianismo como diferente do judaísmo. Os judeus receberam a revelação que foi completada em Cristo, mas não o aceitaram como Deus, assim, sua ruína é a prova de sua infidelidade. Ao contrário, Tertuliano identifica os cristãos como aqueles que se orgulham em ser discípulos de Cristo e sofrer em seu nome. Esse Cristo, para o autor, é Filho de Deus em igual natureza e substância, assim, vemos Tertuliano desenvolver a teologia da Trindade que seria objeto de discussão do Concílio de Nicéia no século IV. Esse Cristo teria se encarnado no seio de uma virgem, vindo ao mundo e, entregue aos chefes dos judeus, sido crucificado, morto na cruz e depois ressuscitado ao terceiro dia. Seus discípulos teriam saído da Palestina e se espalhado pelo mundo enfrentando perseguições dos judeus e depois dos romanos. O autor também admite a existência de demônios e anjos. A ação dos demônios sobre os cristãos seria a de corrompê-los com o mal e com o pecado. Seres espirituais semelhantes aos anjos,

[...] os demônios sopram dentro das almas e as incitam às corrupções com paixões furiosas e excessos vis, ou com cruéis concupiscências, acompanhadas de vários erros, dos quais o pior é aquele empenho pelos quais tais espíritos se dedicam a enganar e iludir os seres humanos para obterem seu próprio alimento de carne, vapores e sangue que são oferecidos às imagens dos ídolos. Que alimento mais perverso para o espírito do mal do que afastar as mentes humanas do verdadeiro Deus com as ilusões de sua falsa divindade? (*Apologeticum*, XXII)

Os demônios, por morarem nas alturas, e não no inferno, seriam os responsáveis por causar os milagres, sinais e aparições que os romanos pagãos identificavam como sinais divinos. Assim, para Tertuliano, o paganismo romano era fruto da ação dos demônios na vida dos cidadãos do Império. Os cristãos teriam o poder de fazer os demônios se revelarem, já para os pagãos, os demônios disfarçar-se-iam como divindades. A prova disso, para o autor é o fato de que eles não se atreviam a se mostrar aos cristãos. Do contrário, os demônios

apropriam-se dos nomes dos deuses para se disfarçarem. A prova dos deuses pagãos não existirem é o fato de que os demônios apropriam-se de seus nomes sem consequências. A própria perseguição seria uma obra dos demônios que incitava os pagãos contra os cristãos. Os pagãos são confundidos por esses espíritos maus que infligem grandes perseguições aos cristãos. Mesmo assim, “[...] quando nossas mãos são levantadas contra eles, ficam subjugados de repente, submissos a seu lugar; e àqueles a quem se opõem à distância, reservadamente pedem misericórdia.” (*Apologeticum*, XXVII)

Aqui Tertuliano interpreta toda a religião romana com os olhos do cristianismo, para desacreditar a religião romana. Claro que os argumentos apresentados seriam ignorados pelos pagãos já que estão sob a perspectiva cristã de Tertuliano, mas poderia ser uma forma de levar os cristãos a desacreditarem o paganismo.

Vimos que a acusação aos cristãos devia-se ao fato de que a recusa do sacrifício ao imperador tinha como consequência os problemas enfrentados pelo império, como se os deuses estivessem castigando os romanos. Para ele, a grandeza do império se deveu às conquistas militares dos generais e não à religiosidade dos romanos já que a religião romana tornou-se conhecida após o império se expandir, pois até então era uma religião simples, sem suntuosidade e ritos complexos como era naquele momento histórico. Para Tertuliano o verdadeiro poder vem do Deus cristão que também é aquele que concede poder aos imperadores. O apologeta argumenta que os deuses romanos são fabricados com materiais vindos das minas dos imperadores e de acordo com suas leis e vontades, assim, são submissos aos imperadores. Portanto, a acusação de lesa majestade imputada aos cristãos é falsa porque apesar de não sacrificarem aos deuses pagãos, rezam pela saúde do imperador através do único sacrifício que vale para Tertuliano: o martírio.

Essas coisas eu não posso pedir senão a Deus, de quem sei que as obterei, seja porque somente Ele as concede, seja porque Lhe peço sua dádiva, como sendo um servo Dele, rendendo homenagem somente a Ele, perseguido por Sua doutrina, oferecendo a Ele, por Sua própria recomendação, aquele custoso e nobre sacrifício de prece feito por um corpo casto, uma alma pura, um espírito santificado, e não por alguns poucos grãos de incenso que nada valem - extraído da árvore arábica - nem alguns pingos de vinho, nem o sangue de algum boi indigno para o qual a morte é um destaque, e, em adição a outras ofensivas coisas, uma consciência poluída, de tal modo que alguém se admira quando vossas vítimas são examinadas por aqueles sacerdotes vis. Por que o exame é menor sobre o que sacrificam do que sobre os que são sacrificados? Com nossas mãos assim abertas e levantadas para Deus, nos entregamos a vossas claves de ferro, somos suspensos em cruces, lançados às chamas, temos decepadas nossas cabeças pela espada, somos entregues aos animais selvagens: a verdadeira atitude de prece de um cristão é uma preparação para todos os castigos. (*Apologeticum*, XXIX)

Assim, o martírio, para Tertuliano é a forma verdadeira de agradar a Deus e conseguir dele os favores necessários para a vida do cristão. Muito mais do que perfumes estrangeiros, o sangue dos cristãos é o verdadeiro agrado de Deus.

Por outro lado, a verdadeira devoção aos imperadores não é o fato de oferecer sacrifícios aos deuses, mas em viver na paz e concórdia com os cidadãos. Isso, para Tertuliano é comum a todos os cidadãos. Mais uma vez, o autor volta ao tema das injustiças sofridas pelos cristãos. Apesar de serem injustiçados, os cristãos não se vingam e nem conspiram contra o império, pois os verdadeiros inimigos estão nas fronteiras fazendo guerra com os soldados. Muito pelo contrário, os cristãos são cidadãos bons e não causam problemas ao império chegando até mesmo a rezar pela saúde do imperador (*Apologeticum*, XXX). Oliveira (2012, p. 386) nos lembra que os cristãos nesse quadro são bons cidadãos mas que são excluídos e mal vistos na sociedade romana. Essa aversão denunciada por Tertuliano é fruto do comportamento diferenciado que os cristãos assumiam após sua conversão como se eles agredissem a sociedade com seu comportamento transformado.

As reuniões não são para fins ilícitos, mas para fomentar a irmandade da comunidade. Tertuliano relata as intenções que moviam as assembleias da igreja de Cartago: ouvir os ensinamentos das Escrituras e a caridade feita aos irmãos que necessitam. Todos os bens são comuns e partilhados segundo as necessidades como os Atos dos Apóstolos narram acerca da igreja primitiva em Jerusalém.

Em um tom extremamente irônico, Tertuliano reclama das inúmeras acusações com as quais os cristãos são alvejados:

Si el Tíber sube á las murallas; si el Nilo no llega á regar las vegas; si el cielo está sereno y no da lluvias; si la tierra tiembla ó se estremece; si el hambre aflige; si la peste mata, luego grita el pueblo: ARRÓJENSE LOS CRISTIANOS AL LEÓN. ¿Un león para tantos? (*Apologeticum*, XL)

Para o autor, as desgraças que recaem sobre o Império não são frutos do “ateísmo cristão”, pois antes mesmo dos cristãos existirem, o Império havia sofrido derrotas. Os problemas enfrentados pelo Império no século II são, segundo Tertuliano, fruto da adoração devida aos falsos deuses em vez da adoração que deveria ser rendida ao Deus cristão, o único e verdadeiro para Tertuliano. Por adorarem falsos deuses, os pagãos são castigados, o que não acontece com os cristãos. Interessante perceber que o autor não considera o martírio como uma tribulação ou um castigo divino, mas o considera como uma dádiva, como vimos acima,

uma oração viva de sacrifício agradável a Deus. Para encerrar sua apologia, Tertuliano louva as virtudes do cristão que entrega sua vida pela causa do evangelho, como soldados que amam a guerra. Do mesmo jeito que os romanos morrem pelo império e são louvados em estátuas, os cristãos morrem por seu Deus e pela sua fé, mas são chamados de loucos por sua obstinada defesa de sua religião. Enquanto os romanos se encarregam de condenar os cristãos e divertem-se com as execuções, os cristãos, segundo Tertuliano, se sentem felizes por serem provados diante de Deus para serem absolvidos pela misericórdia divina.

### 2.3 AD MARTYRAS

A obra *Ad Martyras* é, como dissemos acima, bem menor que a *Apologeticum*, analisada acima. Enquanto a *Apologeticum* se dirige aos governantes do império em defesa dos cristãos, a *Ad Martyras* se dirige aos cristãos perseguidos, candidatos ao martírio. Podemos então entender que o autor se dirige àqueles que testemunham o cristianismo ao sofrerem as perseguições e que poderão vir a sofrer o martírio.

Logo no início, Tertuliano se encarrega de apresentar o seu trabalho: uma forma de confortar os cristãos perseguidos. Ele se solidariza com os sofrimentos enfrentados pelos cristãos e anima-os a permanecer firmes na sua fé e não abandonar a religião ou fugir das perseguições. O autor usa constantemente o termo “benditos de Deus” para referir-se aos perseguidos. Isso mostra o quanto Tertuliano valoriza o martírio e a importância que ele tem para a comunidade cristã. Seu tom é muito mais afetivo que na *Apologeticum*. Ele representa o cárcere da seguinte maneira:

En verdad la cárcel es también casa del demonio, donde encierra a sus familiares y seguidores; pero vosotros habéis entrado en ella para pisotearlo precisamente en su propia casa, después de haberlo maltratado afuera cuando se os perseguía. (*Ad Martyras*, I)

Nesse sentido, o cárcere é o mal a ser vencido com a paciência e a concórdia entre os irmãos. Como lembra Milhoranza (s.d., p. 10), para Tertuliano,

[...] os cristãos presos, na verdade, foram tirados da corrupção do mundo e foram colocados pelo Espírito Santo em um lugar de segurança e chega a comparar a prisão com a verdadeira liberdade dada por Deus. Tertuliano via na prisão dos cristãos o mesmo efeito do deserto para os profetas.

Seu argumento se aproxima muito daquele exposto na *Apologeticum* ao considerar as perseguições fruto da ação do mal. Do mesmo modo que na *Apologeticum* o autor considera os perseguidores como influenciados pelo demônio e as perseguições obra do mesmo. Aqui ele completa seu argumento representando a prisão como casa do demônio. A paciência e a constância que os cristãos devem demonstrar ao sofrerem as perseguições é a prova de que são capazes de vencer esse inimigo. A união da comunidade cristã em favor dos encarcerados é a força que os alimenta para resistirem às perseguições. A redação de uma obra especialmente voltada a “dar conforto aos perseguidos” nas palavras do próprio autor é sinal da importância que a comunidade confere a esses membros.

Para Tertuliano, ser cristão é viver em um cárcere.

Si con sinceridad reflexionamos que este mundo es una cárcel, fácilmente comprenderíamos que no habéis entrado en la cárcel sino que habéis salido. Porque mucho mayores son las tinieblas del mundo que entenebrece la mente de los hombres. Más pesadas son sus cadenas, pues oprimen a las mismas almas. Más repugnante es la fetidez que exhala el mundo porque emana de la lujuria de los hombres. En fin, mayor número de reos encierra la cárcel del mundo, porque abarca todo el género humano amenazado no por el juicio del procónsul, sino por la justicia de Dios. (*Ad Martyras*, II)

Isso porque a busca em viver uma vida de acordo com a doutrina e a moral cristãs é tão difícil quanto estar prisioneiro. Para o autor, os cristãos nas prisões romanas são livres diante de Deus, pois viver a prisão do pecado é muito pior do que a prisão romana. Como cristãos, estar preso é poder viver longe das tentações do mundo e perder algo é oportunidade de ganhar o prêmio que Deus reservou àqueles que testemunharam a fé:

Mucho más gana el espíritu que lo que pierde el cuerpo. Pues, a éste no le falta nada de lo que necesita, gracias a los desvelos de la Iglesia y a la fraterna caridad de los fieles. Además, el espíritu gana en todo lo que es útil a la fe. Porque en la cárcel no ves dioses extraños, ni te topas con sus imágenes, ni te encuentras mezclado con sus celebraciones, ni eres castigado con la fetidez de sus sacrificios inmundos. En la cárcel no te alcanzará la gritería de los espectáculos, ni las atrocidades, ni el furor, ni la obscenidad de autores y espectadores. Tus ojos no chocarán con los sucios lugares de libertinaje público. En ella estás libre de escándalos, de ocasiones peligrosas, de insinuaciones malas y aun de la misma persecución. (*Ad Martyras*, II)

Tertuliano compara então o fato dos cristãos estarem encarcerados com a experiência de um retiro. Do mesmo jeito que Cristo havia estado muitas vezes sozinho para se “purificar” do mundo, os prisioneiros têm a oportunidade de se afastar do pecado do mundo pagão para testemunharem a fé. Nesse sentido, o cárcere seria como um presente

divino que levará à salvação aqueles que resistirem a ele, uma oportunidade de extirpar de suas almas tudo o que não seja da vontade de Deus, pois o martírio é um chamado de Deus e o mártir alcança a vitória pelos méritos de Cristo (OLIVEIRA, 2009, p. 110-111). Por isso mesmo compara também os perseguidos a soldados prontos para a batalha, fortes, dispostos a tudo para conquistarem a vitória. Assim como os soldados, os cristãos devem se abster de comidas e bebidas para se mortificar e estar aptos para a batalha final.

O autor cita vários exemplos de heroicidade na história para poder provar aos cristãos que eles, movidos por uma busca da glória humana, se submetem às torturas e humilhações, como os jovens espartanos que passam por testes duríssimos para serem reconhecidos pela sociedade. Do mesmo modo, os gladiadores enfrentam feras e suplícios, suas cicatrizes são ostentadas como sinal de sua valentia. Tertuliano usa essas imagens tiradas do mundo pagão para mostrar aos cristãos que esses personagens sofrem tormentos para alcançar a glória humana, serem lembrados como heróis e reconhecidos na sociedade em que vivem. Os cristãos, por outro lado, sofrem tormentos não para serem reconhecidos neste mundo, mas para alcançar a recompensa nos céus dada por Deus a todos os que o amam. Assim, como lembra Oliveira (2009, p. 109),

O mártir não é necessariamente aquele que morre por uma ideologia, uma convicção ou um deus. Para Tertuliano, são mártires aqueles que são separados e capacitados por Cristo para esta missão, pois como assinala o apologeta a morte sacrificial pode sim alcançar uma glória terrena.

Assim, o cristão de todas as idades e sexos é aquele que busca sair desse mundo e suporta as provações como prova de amor a Deus. Muito mais do que morrer, para Tertuliano, a verdadeira glória do martírio está em ser testemunha viva do ideal cristão de vida. A identidade cristã novamente se mostra em oposição ao mundo, entendido aqui como o reino do pecado. Por isso, o cárcere para Tertuliano se mostra como um retiro espiritual proporcionado aos cristãos. Ao mesmo tempo em que são retirados do mundo e conseqüentemente do meio do pecado, estar no cárcere é, para o cristão, a marca de sua fé inabalável em Jesus.

## CONCLUSÃO

Em ambas as obras, podemos perceber que Tertuliano define não somente os cristãos, mas também o paganismo e a perseguição de uma forma geral. Obviamente que faz isso a partir de sua visão cristã. Para isso, ele usa-se de seu conhecimento acerca do sistema romano (tanto religioso quanto jurídico) para defender os cristãos e provar que as perseguições dirigidas a eles são injustas e contra a lei romana. Por isso, o autor tenta desconstruir todo o paganismo para desacreditá-lo e poder, assim, elencar o cristianismo como um caminho que não causa mal ao império, mas pode dar-lhe novos rumos.

As duas fontes nos conduzem a diversas questões que poderiam ser objeto de nossa análise, entretanto, nos propomos a dar mais importância à forma com que Tertuliano define os cristãos diante dos perseguidores. Antes de tudo, vale lembrar que temos em mente que as conclusões tiradas desse trabalho pertencem à visão que Tertuliano tem do cristianismo de seu período. Isso não quer dizer que não havia outras formas de se pensar e viver o cristianismo como já discutimos anteriormente.

Assim sendo, para Tertuliano, os cristãos não são os causadores dos problemas enfrentados pelo Império naquele período. Muito pelo contrário, os cristãos são cidadãos de respeito dentro da sociedade, já que a religião cristã impede-os de provocar arruaças e grandes problemas para a sociedade. O imperador é figura importante para os cristãos porque possui uma autoridade que vem de Deus. Nesse ponto, os cristãos são acusados e injuriados, segundo o autor, porque não consideram o poder imperial como se fosse fruto da vontade dos deuses pagãos e muito menos, consideram a manutenção desse poder imperial como sendo fruto do poder dos deuses romanos, mas como sendo obra do Deus cristão, a que os cristãos servem e adoram.

Tertuliano define a comunidade cristã também como o lugar onde se vive a fraternidade e harmonia. Isso fica muito claro na exortação *Ad Martyras* onde o autor exorta os prisioneiros a permanecerem unidos como uma forma de testemunhar essa unidade aos pagãos. Nesse sentido o cristão é aquele que vive o amor e a harmonia com seus pares. O ideal de *koinonia* (palavra grega que significa comunhão) é a principal diferenciação que se estabelece entre pagãos e cristãos e um dos principais argumentos utilizados pelo apologeta para apresentar os cristãos como bons indivíduos, em uma tentativa de limpar a imagem dos cristãos, manchada pelos boatos espalhados no império.

Esses boatos são os motivadores do ódio cada vez mais crescente entre os pagãos em relação aos cristãos. De fato, vemos cada vez mais crescendo entre a sociedade romana

uma intolerância em relação aos cristãos, como vimos, de forma muito contundente a partir do século III com a instituição do regime político conhecido pela historiografia como *Dominato*. Em muitas dessas perseguições, o resultado será a execução de cristãos que se mantiveram firmes quanto à decisão de não cultuar os deuses pagãos e oferecer sacrifícios ao imperador. Para Tertuliano, o martírio é a principal propaganda cristã, pois “o sangue dos mártires é semente de novos cristãos.” (*Apologeticum*, L) já que considera como a prova cabal de fidelidade do indivíduo à religião cristã.

Além disso, o martírio também é definidor de identidade dentro da própria comunidade cristã. O culto aos mártires que se desenvolverá mais ainda a partir do século IV é prova de que nesse contexto, o fato de alguém preferir sofrer torturas, prisões e até a morte pela fé professada, configura-se como um exemplo do cristianismo verdadeiro. Olhando nessa perspectiva, o martírio encontra lugar de honra na formação da identidade cristã ao oferecer à comunidade cristã exemplos de pessoas de todas as idades e condições sociais que escolheram a morte para não traírem sua fé. Como comentamos, a presença de cristãos *lapsi* foi muito grande, segundo alguns autores até maior que o número de cristãos mártires em alguns momentos. Apesar disso, o martírio é tomado por Tertuliano, bem como para vários escritores do período, como um ato heroico de testemunho da fé cristã. Mortos como transgressores, os cristãos martirizados são tidos como santos pela igreja (OLIVEIRA, 2009, p. 120). O testemunho deles confere um traço de identidade fundamental para o cristianismo que passa por valores evangélicos como abnegação, confiança em Deus, testemunho do evangelho, paciência em suportar os suplícios a exemplo de Jesus Cristo, aquele que, segundo o relato da segunda epístola a Timóteo 4,8, texto cristão do final do século I, irá premiar todos os seus confessores com a coroa da justiça.

## REFERÊNCIAS

Fontes:

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2002.

TERTULIANO, *Apologeticum*. Disponível em: <http://www.tertullian.org/brazilian/apologia.html> Acesso em 08/11/2013.

TERTULIANO, *Ad Martyras*. Disponível em: <http://sumateologica.files.wordpress.com/2010/02/tertuliano.pdf> Acesso em 08/11/2013.

TRAJANO, Cartas 10,97 *apud* FUNARI, P. P. A. **Antiguidade Clássica**: a história e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

Bibliografia:

ARZANI, A.; VENTURINI, R. L. B. A origem da tradição apologética cristã e Justino mártir. VIII Ciclo de Estudos Antigos e Medievais, IX Jornada de Estudos Antigos e Medievais. 9 a 11 de novembro de 2010. Londrina. Londrina, 2010.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

CHEVITARESE, A. L. Cristianismo e Império Romano. In: SILVA, G. V.; MENDES, N. B. (org) **Repensando o Império Romano**: Perspectiva econômica, política e sociocultural. Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/EDUFES, 2006. pp. 161-174.

DANIEL-ROPS. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. São Paulo: Quadrante, 1988.

FUNARI, P. P. A. Introdução: Identidades Fluídas. In: NOGUEIRA, P. A. S.; FUNARI, P. P. A.; COLLINS, J. J. (orgs) **Identidades Fluídas no Judaísmo Antigo e no Cristianismo Primitivo**. São Paulo: annablume, Fapesp, 2010. pp. 11-14.

HINGLEY, R. **O Imperialismo Romano**. São Paulo: Annablume, 2010.

IZIDORO, J. L. Fronteiras permeáveis e identidades nos cristianismos primitivos: Contribuição da história e da antropologia para o debate contemporâneo sobre as identidades. **Revista Eletrônica Oracula**. v. 6, n. 11, 2010. pp 162-175.

MELO, J. J. P. Padres da Igreja e o diálogo com o pensamento clássico. **Revista Brasileira de História das Religiões**. v. 1, n. 1, 2008. pp. 64-75.

MILHORANZA, A. **A perseguição religiosa sob a perspectiva dos pais apostólicos**. Disponível em: <http://www.teologiaacademica.com.br/uploads/trabalhos/Artigo%20-%20A%20persegui%C3%A7%C3%A3o%20Religiosa%20sob%20a%20perspectiva%20dos%20pais%20apostolicos.pdf>. Acesso em 08/11/2013.

MOMIGLIANO, A. **De Paganos, Judíos y Cristianos**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

OLIVEIRA, E. S. **A construção da imagem dos mártires nas obras *Apologeticum* e *Ad Martyras de Tertuliano***: repensando a prática do sacrifício (II-III século d.C.) 2009. 134 folhas. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

\_\_\_\_\_. A injustiça no direito romano: o caso da perseguição aos cristãos em Roma na visão de Tertuliano. XI Encontro Estadual de História. Rio Grande, 23 a 28 de julho de 2012, Rio Grande-RS, 2012.

OTERO, U. B. Os Mártires. **Revista GAIA do Laboratório de História Antiga da UFRJ**. Rio de Janeiro: Gráfica da UFRJ, ano I, nº 1, 2000. pp. 106-126.

PODOLAK, P. **Tertuliano**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ROSA, C. B. A Religião na Urbs. In: In: SILVA, G. V.; MENDES, N. B. (org) **Repensando o Império Romano**: Perspectiva econômica, política e sociocultural. Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/EDUFES, 2006. pp. 137-160.

SELVATICI, M. Resenha de LIEU, Judith. Neither Jew nor Greek? Constructing Early Christianity. **Revista de Estudos sobre o Jesus Histórico**, nº 2, 2009.

SILVA, G. V. A Relação Estado/Igreja no Império Romano. In: SILVA, G. V.; MENDES, N. B. (org) **Repensando o Império Romano**: Perspectiva econômica, política e sociocultural. Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/EDUFES, 2006. pp. 241-266

\_\_\_\_\_. "Adversus Iudaeos" de João Crisóstomo e a fixação da identidade cristã. In: TACLA, A. B.; MENDES, N. M.; CARDOSO, C. F. S.; LIMA, A. C. C.. (Org.). **Uma trajetória na Grécia Antiga**: homenagem à Neyde Theml. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011, v. 1, p. 265-300.